

DIANA MARQUES
Universidade de Coimbra
dianassm@outlook.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5936-5280>

JOSÉ CRISTOVÃO
Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
jose.cristovao@idanha.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5264-3054>

JOSÉ RUIVO
Museu Nacional de Conimbriga
jose.ruivo@conimbriga.pt
<https://orcid.org/0000-0002-7093-7494>

TRÊS DEPÓSITOS MONETÁRIOS TARDO-ROMANOS DA *CIVITAS IGAEDITANORVM* (IDANHA-A-VELHA, CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

THREE LATE ROMAN HOARDS FROM *CIVITAS IGAEDITANORVM* (IDANHA-A-VELHA, CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 121-176

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_5

Texto recebido em / Text submitted on: 20/01/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 30/04/2025

RESUMO: Apresentam-se três depósitos monetários baixo-imperiais descobertos no decurso de trabalhos de arqueologia urbana realizados em Idanha-a-Velha entre os anos noventa do século passado e o final da primeira década desta centúria. A análise numismática dos conjuntos, de par com os respetivos contextos estratigráficos, afirma-se como um contributo relevante para o conhecimento da circulação monetária e da ocupação tardo-romana da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: depósitos monetários; período tardo-romano; *civitas igaeditanorum*.

ABSTRACT: The authors present three late Roman hoards discovered during archaeological work carried out in Idanha-a-Velha between the 1990s and the end of the first decade of the XXI century. The numismatic analysis of the hoards, in conjunction with the respective stratigraphic contexts, provides relevant contribution to our knowledge of monetary circulation and the late Roman occupation of *civitas igaeditanorum*.

KEYWORDS: Coin hoards; Late Roman period; *civitas igaeditanorum*.

TRÊS DEPÓSITOS MONETÁRIOS TARDO-ROMANOS
DA *CIVITAS IGAEDITANORVM*
(IDANHA-A-VELHA, CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Introdução¹

Depois dos trabalhos arqueológicos realizados por Fernando de Almeida a partir de inícios da segunda metade do século XX, surgidos na sequência de uma primeira síntese historiográfica (ALMEIDA, 1956), a investigação do sítio arqueológico de Idanha-a-Velha, a *civitas igaeditanorum* dos Romanos, passou por uma fase de alguma apatia. Contudo, a década de 90 trouxe um novo fulgor à investigação, fruto de um conjunto de intervenções realizadas em vários pontos da aldeia no âmbito de um projeto de requalificação e valorização patrimonial (PORTUGAL, 1998; ATELIER 15, 2002: 164-181; REDENTOR *et al.*, 2022: 307-354), dirigidas pelo arqueólogo José Cristóvão entre 1995 e 1999 (cf. CARVALHO *et al.*, 2020: 83-95). No século XXI, o sítio arqueológico tem sido objeto de sucessivos projetos de investigação que se prolongam até aos nossos dias².

Nas diversas intervenções realizadas no espaço urbano de Idanha-a-Velha entre 1995 e 2010 foram recolhidos 3 conjuntos monetários tardo-romanos: o do Logradouro do Lagar, o do Chão dos Cardos e o do Largo da Amoreira (cf. FIG. 1), que serão objeto do presente estudo.

¹ Estudo realizado no quadro do projeto *Igaedis-The historical village of Idanha-a-Velha: city, territory and population in ancient times (first century BC.- twelfth century AD)* (PTDC/HAR-ARQ/6273/2020), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

² Para uma resenha da investigação realizada em Idanha-a-Velha e uma súmula da bibliografia mais relevante publicada sobre o sítio, cf. SÁNCHEZ RAMOS e MORÍN DE PABLOS, 2019: 3-8 e 10-16.

1. O conjunto monetário do Logradouro do Lagar: caraterização do espaço e circunstâncias do achado³

No setor sudoeste da cidade, à parte de baixo da extremidade poente do fórum, foi escavada por José Cristóvão, entre 1995 e 1999, uma *domus* de extensa planta (cf. FIG. 2), na qual se recolheu um conjunto monetário composto por 402 numismas⁴. A sua descoberta ocorreu na abertura de sondagens prévias à construção do Arquivo Epigráfico no quintal do lagar de azeite outrora pertencente à casa agrícola Marrocos (CRISTÓVÃO *et al.*, 2020: 128). A natureza dos trabalhos, limitada à área de implantação do futuro edifício museológico, e a dificuldade da escavação, dada a espessa potência estratigráfica, não permitiram definir mais do que uma fração da sua dimensão total. Todavia, a área escavada foi suficiente para se poder formar uma ideia aproximada da sua planta, áreas funcionais e principais etapas cronológicas, desde a sua fundação até à sua demolição e aterros finais relacionados com a construção da cerca urbana da cidade. Para além desta condicionante à escavação do edifício, acresce uma outra, desta sorte, inultrapassável: a muralha da cidade foi construída sobre parte da área ocupada por aquela estrutura, comprometendo o seu compreensivo entendimento arquitetónico.

A escavação arqueológica levada a cabo no quintal do lagar de azeite (PEREIRA, 1997: 134-142), por vezes mencionado como lagar de varas por referência à sua arcaica tecnologia de prensagem, ou sinonimamente como logradouro do lagar, termo alheio à linguagem local que foi trazido

³ O estudo desta intervenção arqueológica – assim como das outras duas que integram o presente texto – está ainda incompleto e em fase em elaboração. Deste modo, as considerações que aqui se propõem não devem ser consideradas como definitivas. Este carácter intercalar e, em certos detalhes, provisório, obriga ao emprego da necessária prudência na análise dos contextos arqueológicos, nomeadamente no que se refere aos materiais e às suas datações. No caso concreto da *domus* do Logradouro do Lagar foi publicada uma primeira síntese da sua arquitetura em 2020 (CRISTOVÃO *et al.*, 2020: 125-133) – e que aqui se segue e desenvolve –, antecedida de uma nota sobre a cronologia de alguns dos seus contextos arqueológicos mais relevantes para a Antiguidade nos quais se incluem alguns dos tratados no presente texto (CARVALHO *et al.*, 2020: 83-95).

⁴ O número de exemplares difere do apresentado inicialmente por Diana Marques no seu Relatório de Estágio, por termos chegado à conclusão, com base na informação estratigráfica recolhida, que três das moedas consideradas não fariam parte do achado (cf. MARQUES, 2023: n.ºs. 34, 286 e 394). Para além do depósito monetário, a escavação deste complexo arquitetónico forneceu 34 moedas achadas de forma isolada, com cronologias que se estendem do período tardo-republicano a finais do séc. IV d.C.

pelos arquitetos do projeto de restauro e valorização desta infraestrutura pré-industrial a equipamento cultural, museológico e, mais recentemente, a apoio turístico (ATELIER 15, 2002: 164-181, COSTA et al., 2000: 72-75). A primeira etapa dos trabalhos decorreu num retângulo de 5 por 25 m, dividido em quadrados de 5 m de lado, designados por setores e numerados de 1 a 5, de oriente para poente. Entre eles foi deixada uma banquetta de 1 m de largura. No decorrer da escavação alguns quadrados foram ligeiramente alargados em escavação até ao substrato rochoso ou até ao encontro de estruturas arqueológicas; partes de algumas banquetas foram parcialmente escavadas e a que dividia o setor 4 do 5 removida na íntegra. Num segundo momento, uma secção do muro do quintal, a que era paralela à muralha e que no rebordo interno desta apoiava a sua fundação, foi demolida de modo a mostrar e musealizar este troço de muralha. Foi então aberta, para o lado sul, nova área de escavação, de configuração triangular e perpendicular ao alinhamento do retângulo mencionado, passando a formar a figura de um L, designada por setor 6. No lado externo da muralha foi ainda aberta uma pequena sondagem para esclarecimento de um enigmático detalhe arquitetónico, passando a designar-se por setor 7.

A extremidade poente da área escavada, junto ao pano de muralha, revelou o ângulo duma estrutura de alvenaria mista de xisto e granito, sobrevivente à construção da estrutura defensiva (FOT. 1). Nas faces externas foi possível identificar reboco de cal pintado a branco e no interior vestígios de *opus signinum*, revestindo o seu fundo. Entre os muretes, um grande bloco de granito aparelhado marca o ângulo NW da estrutura; o topo deste bloco tem definido um círculo, em leve relevo, onde assentaria uma coluna para sustentação da cobertura. O achado aqui de tijolos de quadrante de círculo, permite supor que as colunas pudessem ser formadas por estes blocos cerâmicos. Pode, pois, deduzir-se que se trata de um dos quatro cantos de um tanque retangular baixo que constituiria o *impluvium* e que as colunas sustentariam a cobertura do telhado do *compluvium*.

Numa posição paralela a esta estrutura foram exumados restos de muros; no lado nascente foi também identificada a soleira de uma porta. Estes elementos conjugados permitem concluir que estamos perante um *atrium* [1] centrado por *impluvium* [2] – ambos de generosas proporções. A soleira marca a entrada nascente no *atrium*, antecedida de um corredor ladeado por duas pequenas divisões. Este vão está perpendicular ao eixo longitudinal do *impluvium* – se o imaginarmos retangular – e, assim, po-

deremos igualmente reconstituir o seu comprimento exato. No lado norte, só foi possível constatar que a parede do átrio estava presente quando se escavou um rasgo horizontal para a fundação do muro de betão para suporte das terras aqui construído para a musealização destas estruturas. Foi, no entanto, providencial, já que permitiu a reconstituição deste lado e conjecturar que existiria, no lado oposto, a sul, outro muro simétrico.

A face externa da muralha apresenta neste ponto uma reentrância retangular [3]. A que atualmente é aparente corresponde a uma reconstrução promovida por Fernando de Almeida no final dos anos 60 do séc. XX, em extensão às obras da porta Sul, mas na realidade este detalhe construtivo conforma-se às fiadas originais até encontrar a boca de um poço [4]. Tudo leva a crer que este rasgo se abriu para permitir o acesso ao poço a partir do alto da muralha. O poço, aberto na rocha viva, tem planta quadrangular e, no seu rebordo, blocos de granito definem a boca como uma abertura circular. Estas peças parecem ser a base de assentamento das guardas altas, entretanto perdidas. A sua posição concordante com o eixo norte-sul do *impluvium*, e por extensão alinhado com o corredor [5], assim como a similitude das cotas altimétricas da boca do poço e do pavimento do *atrium* levam a que se suponham contemporâneas e integradas no mesmo plano construtivo. No entanto, o poço não recebia o excesso das águas pluviais recolhidas no tanque, nem servia para despejo da desenvolvida rede de condutas para drenagem das águas pluviais de que a casa estava bem provida. O rebordo do poço escavado na rocha está intacto e os blocos de granito assentam diretamente sobre o rebordo e não mostram qualquer rasgo ou abertura para as condutas de descarga daqueles sistemas. Assim, destinar-se-ia, antes, a servir como fonte de água potável dentro da própria casa. Não foi, infelizmente, possível determinar a integração do poço na arquitetura do *atrium*.

O cuidado posto nos acabamentos decorativos desta parte da casa revela bem a importância concedida a esta área social. O pavimento do átrio chegou até hoje sob a forma de uma camada de argamassa de cal composta por múltiplas aplicações. A parte baixa das paredes foi rebocada com argamassa de cal estucada acabada com pintura polícroma, definindo painéis moldurados, onde os ocre amarelos e os vermelhos avinhados predominam. Sobre aquele pavimento foram recolhidos fragmentos de estuque pintado com motivos florais que talvez ocupassem um lugar mais alto nesta decoração parietal.

A casa desenvolve-se para nascente numa sucessão de divisões retangulares ou trapezoidais alinhadas com o principal eixo da estrutura (este-oeste), apresentando um comprimento estimável de cerca de 37 m. O estado de degradação do edifício sobrevivente torna difícil reconstituir com rigor estas áreas funcionais. Por outro lado, numa fase tardia, que, por agora, apenas se pode definir de forma grosseira como tardo-romana, o edifício sofreu profundas alterações na organização do espaço, associadas por certo a novas e diferenciadas funções, como bem revela a segmentação de algumas divisões ou a alteração dos acabamentos dos pavimentos. Todavia, o que restou oferece preciosos indícios que podem ser a chave para esclarecimentos parciais, na impossibilidade do seu completo entendimento.

No lado oposto ao átrio, a que se acedia pelo corredor mencionado ladeado por uma grande sala a norte, seccionada por um grosseiro muro tardio [6] e uma outra a sul [7], identifica-se uma grande divisão [8], escavada apenas no lado norte, primitivamente pavimentada com *opus signinum*. Deste revestimento restam apenas frustes indícios no canto NW e vários pedaços soltos. No canto nordeste, a sala foi segmentada com a construção de um muro no sentido norte-sul, onde se abriu uma porta de que resta uma rústica soleira de xisto. Este espaço [9] foi, por sua vez, subdividido pela construção de uma outra parede com orientação este-oeste e perpendicular àquela. Aspeto relevante deste grande espaço é a presença de um forte dispositivo drenante (FOT. 2), formado por canais escavados no substrato rochoso originalmente estruturados com elementos pétreos e cerâmicos que, na sua maior parte, não sobreviveram. Ao canto NW acudia a recolha dos afluentes; aqui se encontrou um grande ralo feito a partir de uma laje de xisto provida de furos dispostos num círculo. Nos depósitos de abandono da casa foram identificados vários elementos de colunas, dos quais se destacam um capitel e uma base de tipo toscano (FOT. 3). A conjugação destes vários dados, apontam para a possibilidade de estarmos perante um peristilo. De resto, uma casa de átrio e peristilo é coerente com a sofisticação construtiva e arquitetónica da estrutura e da sua localização central na cidade antiga e, como veremos em seguida, consistente com a cronologia inicial da construção (CARVALHO et al., 2020: 85).

Para norte desta grande sala identificaram-se, na estreita faixa escavada, duas outras divisões [10-11] de dimensão indeterminada separadas por um corredor que se abriria para o peristilo, no seu canto NE.

No lado oriental do peristilo localiza-se uma sala [13] originalmente revestida também por *opus signinum*; o canto NW deste espaço tem duas soleiras, indicando que uma das portas dava acesso a uma das pequenas salas a NE do peristilo e outra a um espaço [14] que se desconhece por não ter sido escavado. O pavimento chegou à atualidade muito degradado, mostrando que num momento tardio sofreu obras de improvisada reparação com a colocação de lajes de xisto nos espaços vazios deixados pelos pedaços desagregados. Os muros que fechavam esta sala, a oriente e sul, não puderam ser delimitados com rigor pelas condicionantes da escavação. No entanto, no lado oriental, ocupando a banquetta que a escavação deixou como testemunho, foi descoberta uma conduta de cuidado acabamento com a orientação norte-sul com paredes de alvenaria e tapada por lajes, ambas de xisto, exposta por um pequeno recorte escavado de forma intencional para esse fim. O pavimento de *opus signinum* parece ter neste alinhamento o seu limite; para o lado oriental desta estrutura hidráulica a escavação não exumou quaisquer estruturas anexas, revelando apenas a nua superfície rochosa local. No entanto, um muro correria paralelo à conduta para o lado nascente, como indica o fruste arranque que se vislumbra no canto nordeste do setor 3 onde estaria uma outra sala [15]. O prolongamento desta conduta vai encontrar o poço que servia o lagar [16] e que se encontra ainda funcional, mas não foi possível confirmar se o poço é contemporâneo da casa. Se assim fosse, a conduta era adutora das águas do poço para uso como água potável e não como depósito de drenagem, o que justificaria o cuidado posto na sua execução.

Anteriormente, este poço servia como fonte de água para caldeamento da massa de azeitona durante a prensagem, transportada até à caldeira do lagar por uma canalização que pôde ser exumada nas etapas iniciais da escavação arqueológica. Atualmente, o poço apresenta uma boca com lajes de granito com abertura circular e que sustém guardas que elevam essa forma; entre elas, dois altos pilares permitiam a colocação de uma roldana para retirar água a balde por mergulho. A água era despejada numa pia e desta seguia por caleira até à caldeira, mais tarde substituída por tubo metálico.

A diferença de cota entre o substrato rochoso onde o poço está escavado e a boca atual, cerca de 4 m, tendo o poço cerca de 6 metros de profundidade, cortando todos os depósitos históricos aí presentes, é vencida por uma construção de alvenaria mista de xisto e granito. Uma limpeza deste poço promovida pela casa agrícola Marrocos nos inícios

do séc. XX permitiu a recolha de um notável conjunto de cerâmicas medievais⁵, hoje pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia (TEICHNER, 1997: 347-352; DUARTE, 2000: 99-140).

Deste alinhamento, definido pela conduta, ao limite da escavação, que corresponde às construções de apoio do lagar, o substrato rochoso revela-se quase despidido de estruturas construídas. Ainda assim, é possível reconhecer restos de uma outra sala [17] formada por restos de um muro no sentido norte-sul e um outro perpendicular, de que resta o canto SW. Para sul existia outra divisão [18] que possuía uma outra conduta, escavada na rocha e estruturada com paredes de alvenaria e tampas de lajes da mesma rocha. Pela coerência entre o alinhamento dos muros e a drenagem convergir para um ponto comum, parece aceitável incluir estes frustes indícios murários como fazendo parte da planta da *domus* que deste modo se estendia, pois, pelo menos, até este limite oriental.

1.1. As salas do depósito monetário

As moedas foram achadas, na sua maior parte, na sala da extremidade nordeste, primitivamente pavimentada por *opus signinum*. Deste piso restou pouco mais do que simples fragmentos, com fundas fraturas e forte desgaste na superfície de circulação, encostados ao lado norte da sala, e melhor conservados junto às soleiras aí presentes. Este espaço descarnado daquele acabamento, mostrava a superfície do substrato rochoso, grosseiramente aplanada e, aqui e ali, com entalhes e pequenas covas, que parecem ser de origem natural.

A superfície da sala, escavada numa área de cerca de 3 por 5 metros, estava coberta por um estrato de terra com moderado teor argiloso, contendo pedras de xisto e granito, fragmentos de *opus signinum*, e fragmentos de cerâmica, sobretudo tégulas e tijolos.

A terra apresenta-se bem compactada e de cor castanha amarelada clara com tons cinzentos, quando seca, e uma cor cinza médio levemente esverdeada, quando húmida. Na sua composição estão presentes abundantes carvões, quer na forma de micropartículas, quer em nódulos de 1 a 2 cm e alguma cinza.

⁵ Os diversos autores que se referem a este achado não identificam este poço como o seu local de proveniência. Nos inícios da década de 90 do século passado, por informação prestada por Adelino Beatriz Ramos, ímpar conhecedor de Idanha-a-Velha, foi finalmente possível relacionar aquele achado com o poço do lagar.

A espessura do estrato cobria de forma desigual a superfície da sala, ora formando uma fina película, que nalguns casos era inferior a 1 cm, ora formando uma camada mais espessa, variando entre 10 a 20 cm, e que no preenchimento de algumas irregularidades da superfície podia atingir maiores espessuras. Encosta aos muros poente e nascente, cobre a conduta de água e estende-se para lá desta até ao limite também nascente do setor 2.

No setor 2, ocupando o canto NE foi encontrado um troço de telhado abatido, que cobre a conduta, ocupando uma área de 3 por 1,5 m, o que preservou bem o conjunto monetário, sendo um dos pontos onde se observou maior número de numismas concentrados.

Na restante área deste setor o estrato estava mal conservado, mas ainda assim desenvolvia-se numa fina mancha até ao canto noroeste e prolongava-se a cerca da metade sul do setor. O material cerâmico estava presente em pequena quantidade, excluídas as peças de construção, sendo composto por cerâmica doméstica comum e *terra sigillata* dos tipos hispânica, hispânica tardia e africana (ARS).

O estrato que continha o conjunto monetário, estende-se para poente, ocupando ainda as duas salas anexas. Estas têm a particularidade de ambas apresentarem lares de lareira ao nível do solo, compostos por grandes tijoleiras; a sala maior resultou da segmentação de outra maior, onde terá estado o peristilo. As moedas encontravam-se dispersas por estes espaços, isoladas ou em pequenos conjuntos; nada indicou a presença de contentores das peças, o que nos leva a considerar a hipótese de que poderiam estar guardadas em várias bolsas feitas de materiais perecíveis. Não obstante, foram identificadas três concentrações maiores: uma sob o telhado, e outras duas na sala pavimentada com *opus signinum*.

Foram também recolhidos alguns restos de fauna, em bom estado de conservação. No entanto, os materiais com maior relevância quantitativa, para além das moedas, são os objetos metálicos com particular destaque para os de ferro, ainda que alguns de ligas de cobre estejam também representados. Com efeito, esta área estava pejada de peças de ferro (muito oxidadas e, em muitos casos, em estado de conservação muito precário) de forma aparentemente caótica e desordenada. Um dos conjuntos mais numerosos é representado pelos chocalhos e por peças inteiras ou fragmentadas do que parecem ser ferramentas agrícolas. Outro é constituído por pregos de vários tamanhos, argolas e diversos pequenos objetos. Completam o espólio férreo pontas de lança com al-

véolo e pontas de setas ou virotes. Quanto aos materiais de liga de cobre, bronze e latão, contam-se elementos de caldeiras, apliques e outros objetos de pequena dimensão muitas vezes fragmentados ou deformados. E, por último, estão presentes abundantes pedaços de pequena dimensão de escórias de fundição de minerais ferrosos e raras gotas de liga de cobre; há também pequena quantidade de chumbo, maioritariamente sob a forma de fios achatados por escorrimento provocado por fundição.

A presença das escórias ou desperdícios de fundição e a abundância de carvões e cinza sugerem que possamos estar perante os restos de uma oficina metalúrgica que ocupou a extremidade oriental da antiga *domus* quando esta tinha perdido já o seu carácter habitacional e de representação social da família de rango social elevado que a possuía. Ainda assim, não se exclui a possibilidade de que no seu último momento, esta estrutura tenha colapsado por um fatal incêndio de que alguns dos carvões de maior tamanho ou o chumbo derretido podem ser indício. A presença de alguns utensílios como, por exemplo, cunhas e escopros e uma pia de granito encontrada sob o telhado mencionado, elementos típicos das oficinas de ferreiro, ajudam a reforçar a atribuição desta função.

A presença desta oficina integra-se bem na mudança funcional da casa durante o Baixo Império como já tínhamos constatado por outras reformas arquitetónicas e que mostram profundas alterações nas funções sociais e simbólicas que presidiram à sua construção original. A segmentação de vários espaços, a remoção de pavimentos e desconsideração pelos aspetos decorativos e ornamentais são bem exemplo desta mudança.

Mas o momento decisivo para a história da *domus* e o que paradoxalmente permitiu que a mesma chegasse aos dias de hoje – foi a construção da muralha que lhe sacrificou uma extensão importante do seu setor sul. A escavação mostra que as obras de construção da muralha não se limitaram à obliteração do seu átrio. Muito pelo contrário! O programa de obras foi vasto e teve severas implicações nas restantes áreas da casa, cuja área escavada se toma, com as devidas precauções, por representativa da totalidade da operação.

A construção do pano de muralha procede à demolição integral da sua área de implantação. E o que acontece ao resto da casa? A estratigrafia mostra que a casa é parcialmente demolida e as suas ruínas entulhadas, de modo a criar um terrapleno intramuros. O objetivo primordial desta ação seria criar uma faixa de circulação interna, um *inter-*

vallum, em torno da cerca e, complementarmente, resolver o problema urbanístico que a ruína traz à vida urbana (circulação, segurança, entre outras questões). O modo como a demolição e entulhamento se apresentam mostra que ambas as ações foram conduzidas segundo um plano previamente definido e planeado.

A casa foi construída numa vertente de moderado declive, estando a muralha construída num dos pontos topograficamente mais baixos da casa. A estratégia que foi usada no processo construtivo foi deixar partes importantes dos muros em pé, como se pode observar no lado norte do átrio onde a parede conserva, junto à entrada do corredor, cerca de 1,70 m de altura, e progressivamente aumentar a demolição à medida que se sobe para a extremidade oriental da casa e onde a altimetria é mais elevada. Neste extremo da casa os muros estão arrasados quase na sua totalidade, nalguns casos apenas temos os negativos do aplanamento da rocha ou as primeiras fiadas. Os materiais da demolição são empregues no enchimento das diversas partes da casa. Para completar o arrasamento da área e assim obter uma conveniente superfície aplanada, não se exclui a possibilidade de terem sido empregues entulhos provenientes de outros lugares da cidade, mais ou menos próximos.

Esta atividade de arrasamento, entulhamento e regularização topográfica foi claramente documentada em toda a área escavada e bem exemplificada nos perfis estratigráficos, nomeadamente no perfil perpendicular à muralha, mostrando o seu lado poente (CARVALHO *et al.*, 2020: 85). No caso das divisões onde se encontrou o conjunto monetário, este processo está igualmente bem presente.

O estrato do depósito monetário constitui o testemunho da última ocupação e uso deste espaço. Do ponto de vista estratigráfico, o momento seguinte é a cobertura integral desta área com um potente depósito de terra argilosa de cor castanho amarelada, cobrindo o topo dos muros, ao contrário do das unidades estratigráficas do depósito monetário, que encostam às superfícies verticais dos muros. Isto é, aquela unidade estratigráfica é posterior à demolição dos muros destas divisões, e por extensão, da casa⁶. Uma vez que cobre diretamente todas as

⁶ A estratigrafia do depósito levou-nos a não valorizar a possibilidade de as moedas estarem escondidas em alguma cavidade, no teto ou numa parede, como sucedeu, por exemplo, com o depósito descoberto em 2007 na *villa* de Vale de Mouro (Coriscada, Mêda), composto por cerca de quatro mil e quinhentos numismas de bronze datados

unidades estratigráficas relacionadas com o conjunto monetário, a sua datação fornece um *terminus post quem* para a sua deposição (CARVALHO et al., 2020: 88). A datação das cerâmicas forâneas aí encontradas, nomeadamente a forma Hayes 61A de *sigillata* africana (ARS), atribuída aos inícios do século V, situa o contexto nos meados do século V (CARVALHO et al., 2020: 87), estabelecendo o *terminus ante quem* para a deposição das moedas⁷. Contudo, não se comprova que este processo construtivo seja rigorosamente contemporâneo da construção da muralha, uma vez que estes trabalhos complementares se podiam prolongar por várias décadas após a edificação da estrutura defensiva principal.

Considerando que a área do depósito não foi escavada na íntegra, admitimos que o conjunto monetário possa não estar completo.

1.2. Análise do conjunto monetário

No seu estado atual, o conjunto é composto por 402 moedas (cf., *infra*, Anexo 1): 2 *nummi* (Cat. n.ºs. 93, 194), 5 AE3 (Cat. n.ºs. 96-97 e 290-292) e 395 AE2, dos quais 11 são imitações (Cat. n.ºs. 392-402). O conjunto abrange um espectro cronológico que se estende de 310 a 395 d.C. (cf. QUADRO 1 e GRÁFICO 1)⁸.

Recorrendo à periodização proposta por Richard Reece (1973, 227-251; 2010: 13-35), que organiza a amoedação romana em 21 períodos cronológicos⁹, verificamos que o primeiro a estar representado no achado do Logradouro do Lagar é o XV (294-317 d.C.), ao qual corresponde a moeda mais antiga inventariada, um *nummus* em nome de Maxêncio, com reverso *Conserv Urb Suae*, cunhado em Roma em 310 ou 311 d.C. (Cat. n.º 93). A sua presença no depósito parece assumir um

entre finais do séc. III e finais do séc. IV, associados a alfaías agrícolas e outros objetos metálicos, dissimulados no interior do que parece ser um murete em pedra seca (CORRÊA; SILVINO, 2008: 255 e 270-271, Fotos 14-15).

⁷ No entanto, uma revisão recentíssima dos materiais da escavação permitiu localizar um fragmento de prato de *Late Roman C* Hayes 3D (450-500 d.C.), proveniente do estrato situado por baixo daquele em que se recolheu o tesouro. Partindo do princípio de que não ocorreu qualquer intrusão de materiais dos níveis superiores para os inferiores, a perda definitiva do depósito monetário dificilmente será anterior ao último quartel do século V.

⁸ As moedas de imitação não foram contabilizadas para efeitos estatísticos.

⁹ Embora utilizada sobretudo para comparar moedas de diferentes sítios, optámos pelo recurso a ela no presente estudo, particularmente na elaboração dos gráficos.

carácter meramente residual¹⁰ e será explicável, talvez, pelas semelhanças de módulo e de peso com os AE2 tardios.

Marcado, por norma, por volumes de cunhagem relativamente abundantes, o Período XVII de Reece, compreendido entre 340 e 348 d.C., está representado no achado do Logradouro do Lagar através de uma única moeda: um *nummus* de Constante da série oriental dos *Vota* (Cat. n.º. 192).

O Período XVIII (348-364) corresponde ao terceiro período com melhor representação no depósito (3,98%) sendo o mais heterogéneo em termos de composição do numerário, reflexo das várias – e por vezes confusas – intervenções no sistema monetário.

O período é inaugurado por um AE2 de pequeno módulo, do tipo *Fel Temp Reparatio* (*Cabana*), em nome de Constante (Cat. n.º. 1), cunhado de forma breve na sequência da reforma de 348 d.C. Os anos subsequentes contribuíram com onze AE2: 5 unidades batidas no Ocidente pelo usurpador Magnêncio, com reversos *Gloria Romanorum* (Cat. n.º s. 2, 6 e 36) e *Vict Dd Nn Aug et Caes* (Cat. n.ºs. 94-95)¹¹ e 5 moedas da série *Fel Temp Reparatio* (*FH3*) emitidas sob a autoridade de Constâncio II (Cat. n.ºs. 134, 195, 219, 282, 290)¹².

Com a eliminação de Magnêncio e a reunificação do Império, Constâncio II levou a cabo uma alteração da moeda de bronze ao introduzir o AE3 com um peso teórico de 1/120 a libra sem intervir, contudo, nos reversos, onde continua a figurar a legenda *Fel Temp Reparatio* associada ao tipo do cavaleiro em queda (*FH3*). Cunhada a partir de 353, esta série conheceu ainda uma redução ponderal para 1/137 a libra antes do seu ocaso em 358 d.C.¹³. No depósito em estudo está representada por 4 unidades (Cat. n.ºs. 96-97, 290-291).

¹⁰ Esta é uma situação comum a numerosos depósitos de estrutura AE2 contemporâneos do nosso, como os de Garciaz, Torrecanos, Tróia III e IV ou Santa Vitória do Ameixial, entre outros (SIENES HERNANDO, 2000: 41-50).

¹¹ Desta fase identificou-se, ainda, um exemplar de imitação (Cat. n.º. 393).

¹² O exemplar n.º. 282 foi emitido para Constâncio Galo em Alexandria.

¹³ J. P. C. Kent (1981: 81), ainda que de forma algo ambígua, situou a emissão dos AE3 *Fel Temp Reparatio* da série do *Cavaleiro em queda* (*FH*) no período compreendido entre c.353/4 e 358 d.C. Mais assertivos foram, na sequência da publicação do volume VIII de RIC, Jean-Pierre Callu (1986: 209) e Georges Depyrot (1992: 66-67), circunscrevendo-a com clareza aos anos 353-358 d.C. No mesmo sentido opinou, em data recente, Shawn Casa (2019: 128-134).

O Período XIX (364-378 d.C.) está documentado por uma única moeda: um AE3 da série *Securitas Reipublicae*, de Graciano (Cat. n.º. 291).

O Período XX, compreendido entre 378 e 388 d.C., é aquele com melhor representação no depósito: 212 AE2 (52,73% do total), esmagadoramente do tipo *Reparatio Reipub*, que conta com 212 unidades (Cat. n.ºs. 3-5, 7-31, 33-35, 37-92, 98-133, 135-148, 166, 196, 244-246, 293-332 e 334-355). A esta vasta série acrescem 8 exemplares distribuídos pelas séries *Victoria Augg* de Magno Máximo (Cat. n.ºs. 32 e 333), *Gloria Romanorum*, com reversos da *Galera* (tipo 15 de LRBC: Cat. n.ºs. 150, 220) e do *Cativo* (tipo 17 de LRBC: Cat. n.º. 356), *Virtus Exerciti* (Cat. n.ºs. 221 e 357) e *Salus Reipublicae*, esta última em nome de Élia Flacila, primeira mulher de Teodósio (Cat. n.º. 149).

O Período XXI (388-402 d.C.), o mais recente do conjunto, está representado por 161 AE2 da série *Gloria Romanorum* (*Imperador com lábaro e globo* = tipo 18 de LRBC: Cat. n.ºs. 151-165, 167-193, 197-218, 222-243, 247-281, 283-288 e 358-391). Cifrados em 40,05% do total do conjunto, ocupam o segundo lugar no que toca ao volume de numerário do depósito.

Da análise da QUADRO 1, fica claro que a maior quantidade de moedas incorporadas no depósito foi emitida durante as dinastias Valentiniano-Teodosiana (378-395 d.C.), com 382 moedas (95,02%). Isso justifica-se pela clara predominância de moedas do tipo *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* (cf. GRÁFICO 1). Esta constatação encontra eco no estudo das moedas avulsas de Idanha-a-Velha publicado por António Marques de Faria¹⁴, onde se verifica que o período cronológico situado entre 378 e 402 d.C. regista igualmente uma abundante presença de AE2 daquelas duas séries monetárias (cf. FARIA, 1991-1992: 128-129, gráficos 7 e 8).

Ao observar-se a distribuição das moedas por centros emissores ao longo dos vários períodos, torna-se evidente que o depósito se caracteriza por uma presença contínua das casas da moeda ocidentais até 387 d.C. Por seu turno, as casas da moeda orientais têm melhor representação nas emissões mais tardias, produzidas entre os anos 387 e 395 d.C. Tesouros e achados isolados evidenciam um abastecimento constante por parte dos centros emissores ocidentais durante boa parte do século

¹⁴ Em relação a este conjunto tenha-se em atenção de que uma parte ou a totalidade das moedas depositadas no Museu Nacional de Arqueologia e dadas como de Idanha-a-Velha foram, efetivamente, descobertas no Castelo Velho de Santiago do Cacém (FABIÃO, 1998 II: 456).

IV, situação que tende a alterar-se no final da centúria, altura em que se assiste a uma entrada massiva das emissões orientais na Hispânia¹⁵.

No depósito do Logradouro do Lagar os centros emissores orientais suplantam os ocidentais: 182 moedas (53,53%) repartidas por 7 centros emissores, contra 158 unidades (46,47%) provenientes de 6 casas da moeda. Apesar de considerarmos que é uma diferença pouco significativa atendendo à modesta dimensão do achado, no fundo o panorama não diverge do constatado noutros depósitos hispânicos compostos maioritariamente por AE2, como Garciaz (CALLEJO SERRANO, 1966: 291-330), Tróia III (SIENES HERNANDO, 2000: 47).

Das 402 moedas do conjunto, foi possível identificar a autoridade emissora em 335 unidades (83,33%). Sem identificação segura do governante ficam os restantes exemplares.

Como já vimos, o depósito inicia-se com uma moeda de Maxêncio. As moedas do período constantiniano estão presentes em quantidades pouco significativas. Ao todo inventariámos 17 numismas, assim distribuídos: 2 para Constante, 9 para Constâncio II (e respetivos Césares) e 6 para o usurpador Magnêncio, um dos quais de imitação. Predominam as emissões ocidentais, destacando-se as de Roma (4 ex.), seguidas pelas de Trier e Arles (2 ex. cada). De Lyon temos apenas 1 exemplar. Nicomédia, com 2 exemplares, e Alexandria, com 1, são os únicos centros emissores orientais representados.

Para o período correspondente à dinastia Valentiniana, representado no achado em apreço pela importante emissão de AE2 da série *Reparatio Reipub*, predominam as emissões em nome de Graciano, responsável pela sua introdução, com 72 numismas (54 emitidas na parte ocidental, 4 na oriental e 14 sem casa da moeda definida), seguidas das séries em nome de Valentiniano II, com 31 exemplares (21 cunhados nas cecas ocidentais, 4 nas orientais e 6 de proveniência incerta). Teodósio I, associado ao poder por Graciano em 379 d.C., participa tam-

¹⁵ É necessário ter em conta que nos encontramos perante um depósito composto na sua essência por AE2, denominação cuja cunhagem cessa, no Ocidente, o mais tardar em 387 (DEPEYROT, 1992: 85, sugere 385 como data limite), enquanto no Oriente se prolonga, pelo menos, até abril de 395, data em que é teoricamente desmonetizada pelo *Codex Theodosianus* (CTh IX 23.2). A excecional abundância dos AE2 teodosianos é característica do sul da Hispânia (CEPEDA, 2000: 169-171). Nas regiões setentrionais, os depósitos desse período são compostos, na sua esmagadora maioria, por AE3 e AE4, nos quais as séries ocidentais mantêm um ligeiro ascendente sobre as orientais (MARTÍNEZ CHICO, 2020: 700-702).

bém nesta emissão com 15 exemplares de procedência ocidental, contra apenas 1 de origem oriental e 5 de proveniência incerta.

O final deste período é marcado pela proclamação de Magno Máximo em 383 d.C. na Britânia e nas Gálias, que governou até 387 d.C., altura em que foi executado a mando de Teodósio. Durante 4 anos o usurpador cunhou moeda nas casas da moeda gaulesas. Ao nível do AE2, prosseguiu com a cunhagem dos *Reparatio Reipub*, muito bem documentados no Logradouro do Lagar (48 exemplares), tendo depois introduzido um novo tipo monetário, com um padrão ponderal mais baixo, o tipo *Victoria Augg*, do qual se identificaram 2 moedas no conjunto. As suas séries monetárias distinguem-se com frequência das dos restantes imperadores pelo menor apuro artístico patente na gravação dos cunhos.

Como vimos, até aqui têm predominado as séries batidas no Ocidente. Porém, o cenário irá alterar-se no decorrer da época Teodosiana, sobretudo a partir de 393 d.C., com a abundante emissão de AE2 da série *Gloria Romanorum* (Imperador com lábaro e globo), produzidos em exclusivo na parte oriental do Império por iniciativa de Honório. É com esta série que termina o depósito do Logradouro do Lagar, estando profusamente representado Teodósio (60 exemplares), seguido a alguma distância pelos filhos Arcádio (43 exemplares) e Honório (41 exemplares).

Neste conjunto foram também identificadas 11 imitações de AE2 (Cat. n.º 392-402) que representam 2,74% das moedas inventariadas. No caso do exemplar n.º. 392, o estado fruste do reverso não permitiu a identificação do protótipo. A análise do anverso, também mal conservado, deixa em aberto a possibilidade de estarmos perante uma imitação de uma das séries de Magnêncio, de quem identificámos com segurança um exemplar que copia o tipo *Victoriae Dd Nn Aug et Caes* (Cat. n.º. 393). As imitações de moedas do usurpador gaulês aparecem com alguma frequência nos sítios e nos depósitos monetários hispânicos (SIENES HERNANDO, 2000: 111-117)¹⁶.

O tipo mais imitado corresponde à série *Reparatio Reipub* com oito exemplares (Cat. n.º 394 - 401), quatro dos quais inspirados na amoedação de Graciano. O depósito conta ainda com uma cópia do tipo

¹⁶ Fabien Pilon (2016: 267), identifica 2 ateliers gauleses responsáveis pela produção de imitações de moedas de Magnêncio, localizados em Changis-sur-Marne (Seine-et-Marne) e Martinville (Vosges), ainda que em nenhum deles se tenha identificado este tipo de reverso. O investigador francês vê nesta atividade um expediente visando colmatar a falta de moeda de bronze indispensável às trocas do quotidiano (*idem*: 274).

Gloria Romanorum (Imperador com lábaro e globo) (Cat. n.º 402).

Algumas destas moedas apresentam legendas com erros de escrita e bustos e tipos de reverso bastante estilizados ou relativamente “toscos”.

Esta questão será retomada mais adiante, com maior desenvolvimento.

1.3. Comparação com outros conjuntos

Com o objetivo de cotejar o depósito do Logradouro do Lagar com outros achados, escolhemos cinco depósitos tendo por base a contemporaneidade, a localização geográfica e a composição. Os tesouros selecionados foram os seguintes: Las Quintanas, Salamanca (GARCÍA FIGUEROA, 1995: 65-124), Garciaz, Cáceres (CALLEJO SERRANO, 1966: 291-330), Torrecaños, Badajoz (VELÁZQUEZ JIMÉNEZ, 1983: 85-190), Tróia III (NUNES, 1974-1977: 359-364) e Tróia IV (HIPÓLITO, 1960-1961: 83, n.º 119), ambos na região de Setúbal.

No GRÁFICO 2 é possível observar que o perfil dos depósitos assinalados é muito similar, excetuando o facto de, em alguns deles, o numerário do período XXI se sobrepor ao do XX (Chão dos Cardos, Tróia III e Garciaz). A percentagem de numismas anteriores ao séc. IV é residual e cremos que a presença destas peças nos conjuntos prende-se com a sua proximidade modular e ponderal às espécies de AE2 cunhadas durante o séc. IV. Observamos também que, até 378 d.C., o volume de moedas é reduzido em praticamente todos os achados, apresentando pequenas variações. A esmagadora maioria do numerário presente nestas deposições concentra-se no período 378-395 d.C.

Tendo por base os dois períodos com maior número de moedas aprovionadas, é evidente que mais de metade das moedas presentes nos conjuntos¹⁷ corresponde aos AE2 do tipo *Reparatio Reipub*, emitidos entre 378 e 387 d.C.¹⁸, sendo a quase totalidade das restantes da série

¹⁷ Não incluímos o tesouro de Tróia IV pelo facto de SIENES HERNANDO (2000) e MARTÍNEZ CHICO (2020: 575-576) não apresentarem a distribuição do numerário pelos respetivos centros emissores.

¹⁸ Alguns autores sugerem que a emissão desta série teve balizas cronológicas mais apertadas que as apontadas em RIC IX e LRBC, não obstante as observações de J. P. C. Kent nesta última obra (1965: 42-43), usando como argumento o retorno da ceca de Tessalônica à órbita de influência de Graciano, o que parece não ter sucedido antes de 381 d.C. Outros autores situam esta emissão entre 381 e 386 d.C. (BASTIEN, 1987: 55-57 e 60) ou entre 381 e 385 d.C., o mais tardar (DEPEYROT, 1992: 85). Há, também, quem,

Gloria Romanorum (18), emitida nas cecas orientais entre 393 e 395 d.C. Não obstante a enorme distância que separa a Lusitânia das províncias orientais do Império e o curto espaço de tempo que durou a emissão daquela série monetária, estes exemplares participam na composição dos depósitos num volume quase equivalente aos da série *Reparatio Reipub* (cf. QUADRO 1). Isto é indicativo da notável reativação das casas da moeda orientais e, decerto, da ampla difusão das suas produções na Bética e no centro-sul da Lusitânia a partir de 393-395 d.C. Trata-se, não obstante, de um fenómeno que encerra uma peculiaridade regional: enquanto naquelas áreas predominam os AE2 orientais, noutras regiões, como a Britânia, o Norte de África, a Gália ou a Itália, o aprovisionamento a partir das cecas orientais é feito com base nos bronzes de pequeno módulo, os AE3 e os AE4 (MARTÍNEZ CHICO, 2020: 700-701).

No que respeita à análise do numerário por casas da moeda, e para o período 378-387 d.C., no caso do Logradouro do Lagar predomina, claramente, o numerário de Arles (13,9%), verificando-se quase um “empate técnico” entre as emissões lionenses e as romanas, (6,9 contra 6,7%). Alargando o nosso universo de análise aos restantes conjuntos hispânicos a que já fizemos alusão, podemos afirmar que, em termos globais, o destaque vai para as emissões de Arles e Roma (cf. QUADRO 3), com valores que oscilam, para Arles, entre os 8,6% de Torrecaños e os 15% de Tróia III e, para Roma, entre os 4,7% de Torrecaños e os 13,3% de Tróia III, o que é demonstrativo da importância destes dois centros emissores no aprovisionamento da Lusitânia durante esta fase¹⁹.

No período seguinte (393-395 d.C.), dominado em exclusivo pelos *Gloria Romanorum* orientais, destacam-se, no Logradouro do Lagar, Antioquia (8,9%), Constantinopla (6,9%), Cízico e Nicomédia (ambas com 5,6%). O QUADRO 4 mostra que, de um modo geral, predomina o numerário de Constantinopla, Nicomédia e Antioquia com percen-

na esteira de Pearce (1968: xxx-xxxi), entenda que a introdução deste tipo monetário faz todo o sentido logo após a morte de Valente na batalha de Adrianópolis, em agosto de 378, argumentando que Graciano só teria recuperado Tessalónica nas vésperas do seu assassinato (CALLU, 1978: 100).

¹⁹ O panorama não difere no que toca às moedas dos achados isolados de Idanha-a-Velha (FARIA, 1992: 128, gráfico 7) ou em *Conimbriga* (PEREIRA, BOST e HIERNARD, 1974: 292 e segs.) onde o aprovisionamento se fez à custa das casas da moeda ocidentais, sobretudo de Arles e Roma. Durante este período, também nas áreas rurais da Lusitânia se verifica a prevalência destes dois centros emissores (CONEJO DELGADO, 2024: 125-126).

tagens que rondam entre os 5% e os 13%²⁰, parecendo assistir-se, no entanto, a uma distribuição mais equilibrada do numerário por casas da moeda do que a verificada para os anos 378-387 d.C.

Pelo facto de o conjunto do Logradouro ser o mais representativo dos três conjuntos egitanienses, decidimos analisar o peso médio dos seus AE2 das séries *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* (378-395 d.C.) uma vez que constituem a amostra mais significativa de espécies presentes no conjunto. Não foram considerados os exemplares das casas da moeda com fraca representação (menos de 10 unidades), bem assim como os que apresentavam elevados níveis de desgaste (cf. QUADRO 5).

Segundo Georges Depeyrot (1992: 84) o talhe teórico para os AE2 das séries *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* seria de 1/60 a libra (5,45g). Mais recentemente Juan José Cepeda (2000: 192) aportou dados concretos a esta problemática, tendo calculado o peso médio dos AE2 *Gloria Romanorum* incorporados na coleção do Museo Arqueológico Nacional de Madrid (MAN). O valor obtido rondou os 4,54 g.

Poucos são os conjuntos monetários publicados com dados metroológicos precisos e, quando tal sucede, deparamo-nos por norma com amostras pouco significativas. Dos conjuntos monetários escolhidos por nós para realizar análises comparativas apenas o de Las Quintanas oferece uma lista suficientemente extensa com informação dos pesos. Assim, a partir dos 325 exemplares de *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* calculámos um peso médio de 4,60 g (cf. QUADRO 5). O valor está, de forma clara, abaixo do padrão teórico estimado para estas séries, mas esse facto pode justificar-se devido à inclusão de exemplares com desgaste pronunciado nas pesagens.

Resultado semelhante ao apresentado por Cepeda (2000) e ao do conjunto de Las Quintanas é o que obtemos na amostra do Logradouro do Lagar. No entanto, e ao contrário do depósito de Las Quintanas, procurámos neste caso fazer um cálculo mais preciso, até certo ponto, pois se por um lado não contabilizamos os exemplares fragmentados ou com

²⁰ Esta constatação fora já assinalada por David Martínez Chico (2020: 701, fig. 17.64), que coloca as emissões de Antioquia, seguidas das de Constantinopla e Nicomédia, como as melhor representadas nos tesouros hispânicos em cuja composição entra numerário daquela série monetária. Uma análise das moedas de Idanha-a-Velha publicadas por António Faria não revela diferenças substanciais, se excetuarmos o facto de o numerário de Antioquia ser apenas o quarto mais numeroso, precedido de Constantinopla, Nicomédia e Cízico (FARIA, 1992: 129, gráfico 8).

sinais de elevado desgaste, por outro estamos perante uma amostra mais reduzida. Aplicado este critério, a amostra do Logradouro do Lagar reduz-se a 132 exemplares, com peso médio de 4,63 g, valor ligeiramente superior aos obtidos para os exemplares da coleção do MAN e do depósito de Las Quintanas, mas de qualquer modo 0,82 g abaixo do peso teórico estimado por Georges Depeyrot. Acreditamos, contudo, que estes valores estarão próximos daquele que deve ter sido o peso tido como referência pelas casas da moeda para a emissão desta série.

A partir das análises comparativas feitas, é possível perceber que, mesmo em zonas geográficas diferenciadas, como é o caso daquelas de onde são originários estes cinco conjuntos, e em face de realidades distintas em termos de acessibilidades e modelos económicos, o aprovisionamento de numerário acaba por ter, em muitos aspetos, idênticas características.

2. O conjunto monetário de Chão dos Cardos: caraterização do espaço e circunstâncias do achado

O Chão dos Cardos é uma parcela urbana intramuros vazia de construções, propriedade do Município de Idanha-a-Nova. Em 2010, este Município decidiu a construção, neste terreno, de um centro de dia para idosos. A nova construção foi projetada para o seu topo norte, encostando-se a um armazém – que tem a fachada principal e a sua única abertura para a rua do Tronco – e às traseiras de várias casas de habitação voltadas para a rua do Espírito Santo.

As fundações para o edifício necessitavam de vários pilares; para a sua implantação foi determinada a realização de uma intervenção preventiva consistindo na abertura de igual número de sondagens arqueológicas, num total de 10, com uma dimensão inicial projetada de 2 por 2 m; algumas sofreram ligeiras ampliações, enquanto outras foram reduzidas, de acordo com diversas condicionantes. Foram designadas por P1, P3A, P3B, P3C, P3D, P4, P5, P6, P7 e P8 (FIG. 3).

A sondagem P1, a par da sondagem P4, tornou aparente uma longa série estratigráfica com base numa potência de 2,50 m de espessura de depósitos. Sobre o substrato rochoso há restos de muros de alvenaria de xisto. Aliás, a própria rocha está escavada em negativo ou talhada

em positivo, definindo as fundações e alinhamento das estruturas construtivas. No entanto, o grau de destruição histórica destas estruturas foi devastador e inclui também os pisos. Estes vestígios e toda a superfície rochosa são cobertos com um espesso depósito de terras argilosas muito compactadas, de cor castanha com tons amarelos (UE12 = UE15 = UE16). Contém abundantes fragmentos de elementos cerâmicos de construção romanos e cerâmicas domésticas; pedras de xisto e de granito estão também presentes em grande número. Esta unidade é coberta por unidades de cronologia pós-romana. Na UE7, formada por terra argilosa castanha rica em cerâmica de construção, sobretudo tégulas, foram recolhidas 8 moedas romanas tardias. Num outro estrato, muito posterior a este, e que constitui o enchimento de uma grande fossa de cronologia pós-medieval, foram recuperadas 2 moedas semelhantes.

Na sondagem P3A foi encontrada uma moeda do século III na UE3 que corresponde a um depósito de terra arenosa, pouco compactada de cor cinza clara, coberta por dois estratos de terras aráveis. O numisma, um *antoninianus* de Aureliano, pela sua cronologia, não foi considerado como parte do conjunto monetário e, consequentemente, foi excluído deste estudo.

A sondagem P4 encosta à parede do armazém, o seu canto nordeste. Na extremidade desta parede onde forma um canto com um grosso muro de delimitação de propriedade, foi aberta uma outra sondagem, a P4. Esta sondagem permitiu colocar aparente o lado interno da muralha tardo-romana da cidade.

Esta sondagem exhibe a maior potência estratigráfica de todas as realizadas por esta ocasião no Chão dos Cardos. Os numismas romanos tardios também estão presentes: duas peças na UE4 e uma peça em cada uma das unidades 2, 5, 10 e 19. Os três primeiros estratos correspondem a unidades de cronologia relativamente recente, posteriores à Idade Média.

A UE10, pelo contrário, é um espesso depósito de terra castanha de matriz argilosa envolvendo pequenos pedaços de xisto (resultado de operações de escavação de níveis superficiais da rocha), apresentando uma cor castanha com tons amarelados, por vezes esverdeados. A sua compactação é mediana não obstante a presença de argila. Conta com abundantes pedaços de xisto de vários tamanhos e também de fragmentos de blocos de granito talhados; fragmentos de cerâmica de construção estão também bem representados. Esta unidade encosta às primei-

ras fiadas da muralha e cobre a fundação que se destaca do seu plano vertical. É talvez um depósito de cobertura da base da muralha e nivelamento do terreno confinante que aqui apresenta forte pendor. Assim, o achado aqui de um AE2 de Valentiniano II, cunhado entre 378 e 383, é especialmente significativo, pois constitui um *terminus post quem* para a datação do aterro e indiretamente para a própria muralha. Este depósito é coberto por fina deposição arenosa – tipicamente o que resulta do trabalho de canteiro em peças de granito. Nesta massa granítica foi recolhido um *antoninianus* de Cláudio II, datado de 268-269 d.C., que pela cronologia mais antiga não foi incluído no presente estudo.

A sudeste da sondagem P6 encontra-se a sondagem P5, que contribuiu com duas peças numismáticas encontradas na UE1, equivalente à unidade estratigráfica homónima da sondagem P6, e que corresponde ao horizonte das terras superficiais aráveis.

Na sondagem P6 foram exumados dois lotes de moedas romanas tardias, 30 peças na UE1 e 9 peças na UE2. A estratigrafia desta sondagem apresenta-se muito simples: um espesso estrato de terra arenosa, pouco compacta, de cor cinza clara (quando húmida exibe uma cor carvão) e que grosso modo corresponde à terra arável desta parcela agrícola em ambiente urbano (FOT. 4). Nesta terra foram recolhidos materiais cerâmicos e de outros tipos que cobrem uma cronologia muito ampla que chega até à atualidade.

Na área mais baixa da sondagem este depósito cobre diretamente a UE2. Esta é formada por terra argilosa, medianamente compactada e de cor castanho com tons amarelados ou esverdeados. A UE2 cobre o estrato rochoso, assentando diretamente sobre este (FOT. 5). A superfície xistenta exibe um negativo de uma estrutura retangular, muito provavelmente definindo o alinhamento de um muro desmantelado, e uma estrutura em lajes de xisto que pode ser interpretada como um fragmento de uma caleira de esgoto ou de drenagem de águas pluviais. Este estrato aterra as débeis estruturas exumadas, que dificilmente se podem associar a uma estrutura murária alto-imperial, reduzida ao seu negativo por escavação no substrato rochoso, descoberta nas sondagens P1 e P5. Assim, por o aterro ser muito posterior ao destas estruturas é mais provável que se relacione com uma regularização do terreno, que aqui é inclinado e, como pende para a muralha, talvez se relacione com a sua construção ou com os arranjos intramuros subsequentes à sua elevação.

No entanto, na extremidade norte da escavação apresenta maior potência estratigráfica e é possível reconhecer um interface intermédio (UE 1B) e separador destas duas unidades. Trata-se de um nível de terra de tipo argiloso, com muitos elementos de xisto, alguns pedaços de granito e vários elementos de cerâmica romana de construção. No canto nordeste, foi ainda detetado na separação desta com a UE2 um depósito de *tegulae* e *imbrices*.

Os conjuntos numismáticos, em ambas as unidades, apresentavam as peças dispersas sem mostrarem qualquer indicação de deposição primitiva.

A sondagem P8, a oriente da P6 e a mais afastada de todas as sondagens onde foram recolhidas moedas romanas tardias, tem um dos seus lados ocupado pela muralha. Num nível próximo da superfície foi exumado um muro perpendicular à muralha (UE5). Cobre este muro a UE6 um estrato de terra arenosa de cor castanha escura com abundantes fragmentos de telha de canudo e outros materiais cerâmicos. Como nos casos acima indicados, a cronologia deste estrato é claramente mais recente, talvez mesmo pós-medieval. Foi igualmente recolhido um outro numisma tardio, do mesmo tipo, nas terras aráveis superficiais (UE1).

Do ponto de vista estritamente estratigráfico, não foi possível estabelecer se as diversas unidades estratigráficas onde se recolheram os numismas tardios eram coevas, relacionadas ou correlacionáveis com as UEs 1 e 2 da sondagem P6. Isto é, não se documentou com rigor que os numismas tardo-romanos encontrados nas várias sondagens resultam da dispersão da concentração monetária da sondagem P6. Porém, dada a proximidade entre as sondagens e, sobretudo, pela uniformidade tipológica e cronologia idênticas, parece lícito considerar que estamos perante um único depósito posteriormente disseminado e, consequentemente, incompleto ²¹.

2.1. Análise do conjunto monetário de Chão dos Cardos

No seu estado atual, o depósito monetário de Chão dos Cardos é composto por 54 numismas (cf., *infra*, Anexo 2), repartidos entre um *nummus* (Cat. n.º. 42), um AE3 (Cat. n.º. 7) e 52 AE2, um dos quais de imitação (Cat. n.º. 54).

²¹ A escavação deste local forneceu ainda, como atrás se menciona, 3 antoninianos, respetivamente de Galieno (RIC 482-3), Cláudio II (RIC 18-9) e Aureliano (RIC 117).

O numerário do conjunto foi emitido entre 313 d.C. e 395 d.C., ostentando claras semelhanças com o depósito do Logradouro do Lagar.

Nos quadros 6 e 7 podemos observar a distribuição cronológica das moedas do achado por tipos de reverso e autoridade emissora, a mais antiga das quais corresponde a um *nummus* de Constantino I com reverso do tipo *Soli Invicto Comiti*, de origem gaulesa (Trier /Lyon?), batido nos anos 313-318 d.C. (Cat. nº. 42).

Para o Período XVIII de Reece (348-364 d.C.) foi recenseado um AE3 do tipo *Fel Temp Reparatio* (FH3) batido em Roma para Constâncio II (Cat. nº. 7).

O período cronológico compreendido entre 378 e 388 d.C. (Período XX) está representado no achado por 23 AE2 da série *Reparatio Reipub*, que constituem 44,4% do total do conjunto. Predomina o numerário emitido em nome de Graciano, com destaque para o proveniente de Lyon (Cat. nº 1-4) e Aquileia (Cat. nºs. 12-13). A casa da moeda da capital contribuiu com um único exemplar (Cat. nº. 8), ao qual acresce outro de casa da moeda indeterminada (Cat. nº. 43). Para Valentiniano II, estão presentes no achado três numismas emitidos em Roma (Cat. nºs. 9-11), um emitido em Aquileia (Cat. nº. 14) e outro em Síscia (Cat. nº. 16). De Teodósio I recolheram-se 2 moedas, uma cunhada em Aquileia (Cat. nº. 15) e outra batida em Tessalonica (Cat. nº. 17). Esta série fica completa com o numerário lavrado para o usurpador Magno Máximo: 2 exemplares cunhados em Arles (Cat. nºs. 5 e 6) e 6 sem atribuição segura, mas originários, em todo o caso, dos centros emissores gauleses (Cat. nºs. 44-49). À semelhança do ocorrido no achado do Logradouro do Lagar, também no de Chão dos Cardos foi registada a presença da série *Virtus Exerciti*, representada por uma moeda em nome de Teodósio I emitida numa ceca oriental não identificada (Cat. nº. 50).

Faz ainda parte do conjunto uma imitação do protótipo *Reparatio Reipub* em nome de Graciano (Cat. nº. 54).

O Período XXI, o mais recente do conjunto (393-402 d.C.), está representado por 27 AE2 da série *Gloria Romanorum* (tipo LRBC 18), correspondendo a 50% do total do conjunto. A maior parte dos exemplares, num total de 10, foi emitida para Teodósio I: 4 exemplares cunhados em Constantinopla (Cat. nºs. 18-21), 3 em Cízico (Cat. nºs. 31-33), 2 em Nicomédia (Cat. nºs. 25 e 26) e 1 em Antioquia (Cat. nº. 39). Arcádio, o filho mais velho, está presente no conjunto com 7 unida-

des: 3 batidas em Cízico (Cat. n.ºs. 34-36), 1 em Constantinopla (Cat. n.º. 22), 1 em Nicomédia (Cat. n.º. 27), 1 em Antioquia (Cat. n.º. 40) e outro em casa da moeda incerta (Cat. n.º. 51). Em nome do filho mais novo, Honório, contabilizámos 9 exemplares: 3 provenientes de Nicomédia (Cat. n.ºs. 28-30), 2 de Constantinopla (Cat. n.ºs. 23-24), 2 de Cízico (Cat. n.ºs. 37-38), 1 de Alexandria (Cat. n.º. 41) e 1 de casa da moeda indeterminada (Cat. n.º. 52). Ainda desta emissão foi contabilizado um exemplar cujo estado de conservação obstou à identificação da autoridade emissora e da casa da moeda (Cat. n.º. 53).

2.2. Comparação com outros conjuntos

Este conjunto de moedas apresenta, como já afirmámos, semelhanças com os do Logradouro do Lagar e do Largo da Amoreira, nos quais se observa um predomínio dos módulos AE2 com reversos *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* (cf. GRÁFICO 4).

Nestes achados, e de um modo geral, a percentagem de numismas anteriores a 364 d.C. é mínima. Após 378 e até 395 d.C., assistimos a um aumento significativo do volume de moedas ameadadas, com a particularidade de as moedas da série *Gloria Romanorum* suplantarem em termos percentuais os *Reparatio Reipub*.

3. O conjunto monetário do Largo da Amoreira: caraterização do espaço e circunstâncias do achado

Em maio de 2000, no decurso da abertura de uma vala para instalação de condutas para telecomunicações e eletricidade; junto aos restos da demolição de um depósito de água construído em betão no Largo da Amoreira, no canto formado pelo balcão de uma casa alpendrada e o Jardim – designação que o quintal recebe localmente – foi detetada uma estrutura murária antiga; a casa dá para a rua de Guimarães onde tem o n.º 2. A pá da máquina arrastou até si fragmentos de *opus signinum* e de materiais cerâmicos de construção datáveis da época romana.

Ainda que a obra em execução não incluísse formalmente trabalhos de arqueologia, foi possível suspender momentaneamente aqueles trabalhos e identificar a natureza do achado arqueológico.

Assim, durante breves dias foi efetuada naquele lugar uma exígua

sondagem, com cerca de 2,5 m por 1 m, colocando-se a descoberto um muro associado a pavimentos revestidos por argamassas de cal e tijolo, de tipo *opus signinum* (FOT. 6).

A estrutura posta a descoberto é um murete de alvenaria mista de xisto e tijolos reaproveitados, com os elementos dispostos na horizontal e agregados com terra argilosa. O murete tem um segmento reto com cerca de 1,5 m que diverge em arco, formando um arco levemente abatido em semicírculo com 1,25 m de diâmetro, mas apenas com um 1 m de raio. A construção repousa sobre lajes de xisto e blocos de granito de média dimensão colocadas horizontalmente e agregadas com terra argilosa de cor castanho-amarelada e aparentemente dispostas de forma direta sobre o substrato rochoso local e envoltas num depósito de terra preexistente. Esta superfície de assentamento apresenta restos de revestimento de *opus signinum*. Podem reconhecer-se, pelo menos, duas camadas diferentes: uma mais grosseira em contacto com os elementos xistosos e outra diretamente vertida sobre esta, de fina granulometria e cuidado acabamento. No lado sul, o murete exhibe no contacto com o pavimento uma meia-cana. Igualmente neste lado, o *opus signinum* parece ser mais cuidado ao nível do acabamento, estando ausentes as lajes de xisto. Em ambos os lados, na camada de *opus signinum* mais grosseiro, verifica-se a existência de uma primeira camada de pequenos seixos rolados, seguida de pequenas pedras angulares. Sobre esta preparação foi vertida a argamassa fresca, que assim se fundiu num único revestimento.

Os trabalhos de demolição afetaram a estrutura. No entanto, terão sido os trabalhos de construção e de demolição de um tanque os responsáveis últimos pelos danos irreparáveis para a estrutura romana. Este reservatório parece ter sido construído em 1975 numa obra promovida pela Junta de Freguesia, com o apoio popular; serviu para abastecimento de água potável à povoação até ao seu abandono aquando da instalação da rede pública de abastecimento de água uma década depois. O enchimento do tanque fazia-se através de um tubo que desviava água da conduta que abastecia a casa Marrocos, vinda de um ponto de extração designado por Mina. Quando se abriu a vala para a deposição do tubo foram postas a descoberto várias moedas, de acordo com o testemunho de vários habitantes da aldeia. Joaquim Baptista (1998: 32) dá igualmente conta de que nas obras de construção daquele depósito de água “foram achadas moedas em cobre”. De resto, num documento guardado no Ar-

quivo Municipal de Idanha-a-Nova (com a cota C/A/009/011), numa planta de risco arqueológico com o traçado projetado da rede de esgotos e água (?) regista-se no topo do largo, nas proximidades do depósito, a informação do achado de “13 moedas romanas (descobertas em 1960)”.

As estruturas encontravam-se muito próximas da atual superfície, constituída por cubos de granito, estando o topo do murete a cerca de 25 cm de profundidade. Pese esta circunstância, a estratigrafia que pode ser registada é de interesse.

Sob o pavimento de cubos e as suas camadas arenosas de assentamento encontra-se um depósito de terra arenosa de cor cinzento-escura, de mediana compactação e com elementos cerâmicos de várias épocas.

Este depósito cobre um delgado estrato de terra argilosa de cor amarela (UE10), parcialmente sobreposto ao murete e ao que parece ser o resto de um telhado composto por *tegulae* e *imbrices*, ainda que não tenham surgido peças em conexão funcional. Alguns pregos de ferro aqui achados, mas também na UE15 e UE16, podem relacionar-se com a estrutura de madeira desta cobertura. Não é, porém, possível estabelecer uma relação direta destes elementos de cobertura com as estruturas murárias que por eles são cobertas.

Sob o telhado encontrou-se uma terra argilosa, bem compactada e de cor amarela (UE15 e UE16), em tudo semelhante à anterior.

Entre este último depósito e a superfície de *opus signinum*, estava um fino estrato de terra cinzenta escura, pouco compacta e rica em pequenos carvões e alguma cinza (UE 17a e UE17b), no qual se recolheram quase todos os numismas deste local.

Estes detritos estão diretamente colocados sobre os pavimentos. Esta circunstância permite saber que, nesse momento, estes pavimentos se encontravam num avançado estado de degradação.

A estrutura repousa sobre o substrato rochoso, como já foi dito, ou sobre um prévio depósito de terra cinza argilosa com algumas manchas de terra cor de ferrugem com pedras e alguns cacos de cerâmica de construção (UE24). Não foi escavada nenhuma porção desta unidade, tendo apenas sido regularizada a sua superfície vertical resultante do corte provocado pela abertura da vala.

A escavação não permitiu aportar materiais que datassem a construção. E, quanto ao abandono, também pouco é possível acrescentar, pois excetuando as moedas, os restantes materiais (cerâmicos e vítreos) parecem ser todos datáveis do Alto Império.

O material numismático foi exumado da UE17 – ainda que uma ou outra moeda possa ter sido achada noutros depósitos mais recentes; esta unidade foi de início designada por “camada 3A”. As moedas não apresentavam aparentemente uma disposição organizada nem foi encontrado um potencial contentor inicial, pese o facto de estarem presentes nesta unidade e na que a cobria cerâmicas, nomeadamente domésticas comuns. Estavam separadas umas das outras e em posição horizontal. Ao todo, foram atribuídos a este conjunto monetário 17 numismas que, com quase toda a certeza, não corresponderão à totalidade das peças que originalmente dele fariam parte.

A exiguidade do achado contrasta com o seu potencial significado cultural e valor para a arquitetura da cidade antiga, pois estaremos perante um fragmento de tanque do jardim de um peristilo de uma *domus*. As dimensões, acabamentos e a forma reconstituída do murete permitem considerar que fazia parte de um lado, talvez o menor, de um tanque retangular de paredes baixas que para o seu lado interno ladearia um canteiro, centrando o *impluvium*, e para o seu lado externo (o lado do murete com meia-cana) definiria os limites do pórtico. A presença de fragmentos de placas de mármore branco com venado cinza-esverdeado de tipo Estremoz-Vila Viçosa está em boa concordância com a arquitetura cuidada que a construção evidencia, documentando pela primeira vez na *civitas igaeditanorum* a presença de uma vivenda urbana com peristilo, alargando o repertório de formas da arquitetura doméstica local para além do modelo de átrio de que se conhecem relativamente bem pelo menos dois casos.

3.1. Análise do conjunto monetário do Largo da Amoreira

O depósito do Largo da Amoreira é composto por 17 numismas (cf., *infra*, Anexo 3), todos AE2, um dos quais uma imitação (Cat. n.º. 17). O conjunto apresenta cronologias de emissão que se estendem de 348 a 395 d.C. (cf. QUADRO 8).

A moeda mais antiga é 1 AE2 pequeno (Cat. n.º. 12) do tipo *Fel Temp Reparatio* (Cabana) emitido entre 348 e 350 d.C.²².

O período compreendido entre 378-388 d.C. é representado por 7 AE2 (41,17% do total do conjunto), todos com reversos *Reparatio Rei-*

²² O desgaste considerável da moeda obstou à identificação da autoridade emissora, decerto Constâncio II ou Constante.

pub: 2 exemplares em nome de Graciano, 1 batido em Lyon (Cat. n.º 1) e outro em Roma (Cat. n.º 2); 2 emitidos para Teodósio I, respetivamente em Roma (Cat. n.º 3) e Aquileia (Cat. n.º 4); 1 para Magno Máximo, de proveniência gaulesa (Cat. n.º 15) e, para finalizar, 2 exemplares com imperador e centro emissor não identificados (Cat. n.ºs. 13-14).

No seu estado atual, o achado termina com 8 AE2 da série *Gloria Romanorum (Labarum)*, que representam 47,05% do total do conjunto. Destes, contabilizamos 2 exemplares em nome de Teodósio I: um batido em Cízico (Cat. n.º 9) e outro de procedência incerta (Cat. n.º 16); em nome de Arcádio recensearam-se 4 numismas batidos, respetivamente, em Constantinopla (Cat. n.º 5), Nicomédia (Cat. n.º 8), Cízico (Cat. n.º 10) e Antioquia (Cat. n.º 11); para Honório foram inventariadas 2 moedas, emitidas em Constantinopla (Cat. n.ºs. 6-7).

O conjunto integra ainda uma moeda de cunhagem irregular. Este exemplar, com busto estilizado (Cat. n.º 17), exhibe claros sinais de desgaste e conta com a particularidade de apresentar uma perfuração central, sugerindo uma utilização não monetária anterior à sua inclusão no conjunto²³.

Considerando a escassa expressão quantitativa do material analisado e as semelhanças na composição com os 2 conjuntos anteriormente estudados, entendemos que não se justifica uma análise detalhada deste achado.

4. O numerário de imitação

De forma intencional, deixámos a análise global deste material para um apartado próprio. Ao todo, nos três achados idanhenses, foram contabilizadas 13 moedas de cunhagem irregular, todas do tipo AE2 (cf. QUADRO 9).

De entre as moedas de imitação com os tipos bem identificáveis, a mais antiga é proveniente do achado do Logradouro do Lagar e copia o reverso de uma *maiorina* do tipo *Victoriae Dd Nn Aug et Caes* (Cat. n.º 392)²⁴, bastante comum (BASTIEN, 1985: 153-154). Com um diâmetro

²³ O mesmo sucede com o exemplar do mesmo depósito emitido para Arcádio em Antioquia (Cat. n.º 11). Esta prática está também documentada no conjunto de Las Quintanas (GARCÍA FIGUEROLA, 2000: 455).

²⁴ É possível que o exemplar do Logradouro do Lagar, listado sob o n.º 392,

de 21 mm e um peso de 3,33 g, o nosso exemplar integra-se na perfeição dentro dos valores médios de módulo (21,4 mm) e peso (3,24 g) apontados por Sienes Hernando (2000: 117) para as imitações do AE2 de Magnêncio em alguns tesouros hispânicos²⁵. De resto, as imitações do numerário de Magnêncio já eram conhecidas na *civitas igaeditanorum*: em 1992 António Faria publicou um exemplar, com padrão de *semi-maviorina*, inspirado num protótipo lugdunense da mesma série (FARIA, 1991-1992: 145, n.º. 226).

O grupo mais numeroso de imitações identificadas nos três conjuntos em estudo inspira-se, como vimos, nos AE2 da série *Reparatio Reipub*. O achado do Logradouro do Lagar conta com 8 imitações (Cat. n.º. 394-401), num total de 211 exemplares daquela série, representando 3,79% da mesma, valor inferior ao da média dos tesouros recenseados por Sienes Hernando (2000: 131-133), situado nos 6,07%. Os depósitos de Chão dos Cardos e do Largo da Amoreira contribuíram ambos com um exemplar irregular. Em Idanha-a-Velha os achados isolados também não forneceram, até agora, um número significativo de imitações deste período. Numa análise dos achados isolados provenientes das escavações realizadas nas últimas 2/3 décadas em Idanha-a-Velha e do chamado “Lote de Coimbra”²⁶, lográmos apenas identificar neste último um exemplar de fabrico irregular, de imperador indeterminado, ao qual se poderia, eventualmente, adicionar outro com a efígie de Magno Máximo recolhido de forma isolada na área do Logradouro do Lagar. No entanto, o deficiente estado de conservação da peça e o facto de a qualidade da amoedação do usurpador ser assaz medíocre, levam-nos a usar de algu-

também copiasse os tipos do usurpador.

²⁵ O valor indicado para o peso médio foi obtido com base em apenas 5 exemplares, provenientes dos tesouros de Conimbriga A, Conimbriga E e Santa Vitória do Ameixial, o que é insuficiente, como a autora não deixa implicitamente de reconhecer (SIENES HERNANDO, 2000: 117). Atendendo ao peso e módulo reduzido do exemplar do Logradouro do Lagar, faz sentido seguir o raciocínio de Pierre Bastien que considera que a sucessiva redução ponderal das maiorinas de Magnêncio é acompanhada pela baixa de peso das imitações, pelo que a moeda parece copiar as produzidas numa das últimas fases de emissão deste numerário (BASTIEN, 1985: 154).

²⁶ Trata-se de um lote de moedas recolhidas durante as escavações realizadas por Fernando de Almeida. No início estiveram expostas na capela de S. Dâmaso mas, nos anos 80 do século passado, foram levadas para o antigo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (SRAZC), tendo sido recentemente entregues ao cuidado do Município de Idanha-a-Nova.

ma prudência neste caso concreto. As imitações desta fase não aparecem entre o material publicado por António Marques de Faria no início da última década do século passado, o que na altura levou este investigador a afirmar que a sua presença era “desnecessária em face da contínua alimentação por parte das cecas oficiais” (FARIA, 1991-1992: 129).

No cômputo dos três achados egitanienses, cinco dos onze *Reparatio Reipub* irregulares ostentam o nome de Graciano. Dos restantes seis, um copia as séries de Teodósio I, outro as de Magno Máximo, enquanto quatro exemplares não permitem uma atribuição segura. A elevada proporção de imitações em nome de Graciano estará, no entender de Milagros Sienes Hernando, relacionada com questões cronológicas. A sua produção ter-se-á iniciado pouco depois da entrada em circulação do protótipo, para o qual a autora propõe a data de 381 d.C., mantendo-se com um forte volume até agosto de 383 d.C., altura em que o usurpador Magno Máximo se apodera da Gália (SIENES HERNANDO, 2000: 135).

Constatou-se, também, que 2 das moedas examinadas reproduzem (mal) as marcas da casa da moeda de Lyon (Cat. Logradouro n.ºs. 394 e 397), situação que está em consonância com o que se conhece destas produções, com as cópias das imitações de Lyon e Arles a disputarem entre si a primazia (SIENES HERNANDO, 2000: 136-142). Curiosamente, nos achados egitanienses não foi identificada qualquer imitação do numerário do centro emissor arlesiano.

Por fim, no depósito do Logradouro do Lagar, localizou-se também uma imitação de um AE2 *Gloria Romanorum*, da série do *Labarum* (Cat. n.º. 402). A imitação de moedas deste tipo é vista como um fenómeno exclusivo da parte oriental, com um volume muitíssimo reduzido, talvez devido ao curto período de tempo que durou a emissão, contrastando com as da série *Reparatio Reipub*, de produção claramente ocidental, uma vez que nenhuma das imitações até agora identificada copia protótipos orientais (SIENES HERNANDO, 2000: 153).

5. Contributos para a circulação monetária tardo romana da Lusitânia

Os três achados aqui estudados enquadram-se nos típicos depósitos constituídos sobretudo por AE2 ocultos durante o século V na Lusitânia (cf. FIG. 4). A análise da sua composição parece vir ao encontro de algo que já se percebeu há bastante tempo: a drástica redução

do aprovisionamento de numerário em bronze às províncias hispânicas a partir de 395 d.C. (BOST, CAMPO e GURT, 1979: 180; RIPOLLÈS, 2002: 212; ARÉVALO GONZÁLEZ; MORA SERRANO, 2018: 671; CONEJO DELGADO, 2024: 136-143). Com efeito, tesouros monetários e achados isolados contam com escassos exemplares cunhados após aquela data²⁷.

A estrutura do depósito do Logradouro do Lagar, com larga predominância do AE2 valentiniano-teodosiano (96,02% do numerário data dos anos 378-395 d.C.) é em tudo idêntica à dos conjuntos de Chão dos Cardos (94,4% do total do conjunto) e Largo da Amoreira (94,1% do total do conjunto) mas também à de numerosos conjuntos situados a sul de uma linha formada pelo Douro e pelo vale médio do Ebro (CEPEDA, 2000: 169-170, fig. 4).

Os achados egitanienses parecem encerrar com moedas de Honório, circunstância comum à maior parte dos entesouramentos ocultados a partir de 395 d.C. (MARTÍNEZ CHICO, 2020: 693). Neste período são testemunhados entesouramentos na sua maioria formados com moedas de módulo AE2 em boa parte do território hispânico o que é significativo da circulação abundante deste numerário. Existem, contudo, claras assimetrias regionais: nos entesouramentos tardios localizados sobretudo a norte do Douro, o módulo AE2 tem diminuta expressão, em detrimento dos módulos AE4 e AE3. José Marcelo Mendes Pinto, analisando os depósitos ocultados em finais do séc. IV-inícios do séc. V na área entre os rios Douro, Ave e Tâmega, nos quais os AE2 dos anos 378-395 totalizam menos de 1% do numerário representado, acredita que esta realidade não reflete uma especial preferência dos aforradores pelos módulos mais pequenos, mas sim a indisponibilidade de módulos AE2, mais pesados, na circulação corrente (PINTO, 2007: 231). Esta é,

²⁷ Relativamente aos tesouros, cf. MARTÍNEZ CHICO, 2020: 584-604. Quanto aos achados isolados, é de notar que de entre o numerário procedente da *civitas igaeditanorum* publicado por António Marques de Faria (1991-1992: 121-149) não foi identificado qualquer exemplar posterior a 395 d.C., o mesmo sucedendo com um lote de 160 exemplares estudados por um dos signatários (JR), recolhidos sobretudo nas escavações realizadas na cidade a partir dos anos 90 do século passado (espera publicação). Num centro urbano de significativa importância regional como *Conimbriga*, situada numa área para onde confluem importantes vias de comunicação terrestres e marítimas que tornariam mais fácil o abastecimento monetário, as emissões posteriores a 395 d.C. são de igual modo escassas (PEREIRA, BOST e HIERNARD, 1974: 302-304). Também em *Ammaia*, que dista da capital dos *Igaeditani* menos de uma centena de quilómetros em linha reta, não se detetaram, para já, numismas posteriores a 395-402 d.C. (RUIVO, 2016: 347-348).

de facto, uma grande diferença em relação ao que acontece na Lusitânia, com destaque para o centro/sul onde a quantidade de AE2 dos tipos *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* presentes nos conjuntos monetários é muito expressiva²⁸.

O domínio evidenciado pelos AE2 orientais da série *Gloria Romanorum* (tipo LRBC18) assume-se como uma originalidade da circulação monetária hispânica de finais do século IV d.C. que não passou despercebida à investigação. Trata-se, com efeito, de uma realidade desconhecida noutras áreas do Ocidente romano, como as Gálias, a Britânia, a Itália ou o Norte de África (MARTÍNEZ CHICO, 2020: 700-701), nas quais predomina o AE4²⁹, denominação que é também abundante nas zonas do norte da Península Ibérica, como observámos anteriormente. Considerando que, a partir de 395-402 d.C., a maior parte das cecas ocidentais encerrou ou emitiu moeda de bronze de forma mais ou menos intermitente e em escassas quantidades (AE3 e, sobretudo, AE4), é admissível que as necessidades de abastecimento tenham sido colmatadas pela injeção de ingentes quantidades de numerário de procedência oriental cuja utilização, não obstante a existência de um constrangimento legal proibindo a sua circulação (*Cod. Th.* IX, 23.2), se terá prolongado para lá de 395 d.C. (CEPEDA, 2000: 164; MAROT, 2000-2001: 150-152; GIL FERNÁNDEZ, 2001: 827-828), no que parece ser uma explicação razoável para entender a profusão deste numerário numa vasta área da Península³⁰.

²⁸ Existem, contudo, algumas exceções, sobretudo em depósitos situados na zona mais a norte da Lusitânia, como é o caso do tesouro do Castro de Fiães II (Santa Maria da Feira, Aveiro) (CENTENO, 1976: 171-185) – apresenta apenas um módulo AE2 do tipo *Reparatio Reipub* (2,2%) ou os casos dos tesouros do Castro de Ossela (Oliveira de Azeméis, Aveiro) (SILVA e PINTO, 1995: 53-76) e de Paradelas-Sequeiro Longo (Cinfães, Viseu) (PINTO, 2016: 49-55) onde está ausente o tipo AE2 e predominam os módulos AE3 e AE4. Também no tesouro descoberto na *villa* romana de Vale do Mouro (Mêda) os AE2 dos anos 387-395 d.C. têm uma representação marginal.

²⁹ Relativamente ao território gaulês vejam-se, a título de exemplo, para o noroeste: DOYEN *et al.*, 2013: 177-181, e, para o sudoeste: GENEVIÈVE, 2000: 62-63 e BOST; NAMIN, 2002: 48, tableau 18. Para o caso britânico cf. BLAND, 2018: 108-109. Para a zona nordeste da Itália, cf. STELLA, 2017: 64-68 e 163-164. Quanto ao Norte de África, cf. SALAMA e CALLU, 1990: 112-114.

³⁰ Sobre os motivos para a exportação desta enorme massa monetária do Oriente para a Hispânia, questão que não pretendemos abordar aqui, vejam-se, entre outras, as propostas de José Ignacio San Vicente (1999: 698 e 719); Juan José Cepeda (2000: 167 e segs.) e Raquel Gil Fernández (2001: 829-832).

6. Conjuntos monetários ocultados ou abandonados?

A ausência de fontes documentais relativas à evolução histórica e sociopolítica da *civitas igaeditanorum* durante os séculos IV e V d.C. e a modesta informação até agora trazida à luz pela Arqueologia da cidade, deixam em aberto algumas hipóteses a propósito da deposição destes conjuntos monetários. Uma delas ficaria a dever-se a motivos de ordem económica, nomeadamente à desmonetização das maiorinas por imposição legal, que levaria ao abandono deste tipo de numerário. Esta hipótese está praticamente posta de parte pois, não obstante a total ausência de indícios de renovação do numerário na cidade, estamos convictos de que, à semelhança do que sucedeu noutras áreas da Península, a economia monetária persistirá, pelo menos, até à época visigótica³¹.

Outra hipótese de trabalho passaria pela associação de alguns destes depósitos ao clima de agitação gerado pelo hipotético enfrentamento na Lusitânia entre os partidários de Honório e os do usurpador Constantino III em 408 d.C. Sabe-se que a resistência hispânica teria sido encabeçada, entre outros, pelos irmãos Dídimo e Veriniano, parentes de Honório (FERNÁNDEZ PORTAENCASA, 2020: 217-243), cuja área de influência parece ter estado sediada na região emeritense³². Dando como provável a existência de recontros entre as duas facções no território circundante à capital da *Diocesis Hispaniarum* (cf. FERNÁNDEZ PORTAENCASA, 2020: 223, fig. 2), não é descabido pensar que a *civitas igaeditanorum* possa ter sido tocada por estes acontecimentos.

Por outro lado, o desenlace do conflito, que terminou com a derrota e a execução dos insurgentes, propiciou o desenrolar de uma série de acontecimentos – revolta de Gerônimo e proclamação de Máximo em Tarraco – que, logo em 409, abriram de par em par as portas da Hispânia à entrada de Suevos, Vândalos e Alanos, situação geradora de um forte clima de instabilidade e insegurança que se prolongou durante dé-

³¹ A presença da moeda tardo-romana está bem documentada em contextos peninsulares dos séculos VI e VII, ainda que com maior incidência nas áreas meridionais e levantinas (MAROT, 2000-2001: 142 e segs.).

³² No dizer de Orósio (*Hist. adv. Pag.*, VII.40,6) e Sozomeno (*Hist. Eccles.* IX.11), estes aristocratas recrutaram um exército privado formado pelos seus servos e colonos. Zósimo (*Hist. Nova* VI. 4, 3) vai mesmo ao ponto de afirmar que o partido teodosiano arregimentou as legiões da Lusitânia, o que parece bastante improvável uma vez que, para esta época, não temos quaisquer indícios da presença de tropas regulares na província (FERNÁNDEZ PORTAENCASA, 2020: 229).

cadadas e convulsionou de forma definitiva as estruturas socioeconómicas e políticas hispano-romanas. Sabe-se que, em 429, os Suevos atacaram *Emerita* e que, uma década mais tarde, a cidade foi ocupada por Réquila, permanecendo até 457 na esfera sueva. É admissível uma relação direta entre os níveis de destruição identificados na capital lusitana, datados da primeira metade do século V, e os raids suévicos (CORDERO RUIZ, 2013: 226 e 344). Apesar da distância entre a cidade do Ponsul e *Emerita* ser ainda considerável, não é despropositado pensar que estas incursões se estenderam aos territórios circundantes e afetaram outros núcleos urbanos de menor dimensão inspirando, talvez, os depósitos do Largo da Amoreira e do Chão dos Cardos, pese o facto de a informação que possuímos sobre os respetivos contextos ser manifestamente insuficiente.

No caso do conjunto do Logradouro do Lagar, recolhido num contexto estratigráfico que não parece anterior a meados do século V d.C., tudo aponta para que a sua perda definitiva esteja em relação com a desativação da oficina de ferreiro aí instalada em época tardia.

Não obstante, há características comuns a estes três conjuntos – e a outros de idêntica composição e cronologia – e que nos remetem para outro tipo de reflexão, equacionando o fim do seu uso monetário e consequente abandono intencional³³. São elas: i) a ausência de contentor associado aos achados; ii) a dispersão relativa das moedas em termos espaciais, notória nos achados do Logradouro do Lagar e do Chão dos Cardos; iii) o desgaste considerável de muitos exemplares³⁴ ou a presença de marcas de utilização não monetária, sugerindo uma circulação prologada antes da sua imobilização final e remetendo-nos para uma cronologia de abandono relativamente tardia que, no caso específico do achado do Logradouro do Lagar, pode estender-se ao século VI d.C.

Nesta outra perspetiva, seria lícito admitir que, em finais do século

³³ Neste sentido opina Miguel García Figuerola (2000: 449-458), que defende o abandono intencional, durante a Antiguidade Tardia, de numerosos conjuntos monetários compostos por maiorinas de finais do século IV. De resto, e como salienta o autor, é frequente a descoberta de conjuntos monetários tardios associados a artefactos metálicos, muitos dos quais poderiam ter como fim último a fundição. No caso dos depósitos lusitanos, o assunto foi objeto de abordagem por Noé Conejo Delgado (2020: 257-261; 2024: 146-149).

³⁴ Dentro de cada conjunto monetário encontramos moedas com graus de desgaste muito diversos, talvez fruto de uma “circulação temporalmente descontínua” (MAROT, 2000-2001: 151).

V ou nos inícios do VI d.C., as moedas recolhidas na oficina de ferreiro que se sobrepôs à antiga *domus* do Logradouro do Lagar e associados às quais se encontraram diversos objetos e fragmentos metálicos, estariam já desmonetizadas. Perdida a sua utilidade enquanto instrumento de troca, passariam a ser vistas como sucata destinada ao cadinho do fundidor. Se esta finalidade alguma vez lhe esteve ou não subjacente, é questão para a qual não temos, de momento, resposta conclusiva, mas que pretendemos deixar em aberto.

Bibliografia

- ABAD VARELA, Manuel E. (1991) – Depósito monetario procedente de “El Castillo” (Diego Álvaro) en el Museo de Ávila, *Cuadernos Abulenses*, 16, pp. 171-188.
- AGUILLAR SÁENZ, Antonio; GUICHARD, Pascal (1993) – *Villas romaines d’Estrémadure: Doña María, La Sevillana et leur environnement*, Madrid.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia; MORA SERRANO, Bartolomé (2018) – Las monedas de las *cetariae* de *Tradvcta*. Un ejemplo de circulación monetaria en el estrecho de Gibraltar en la Antigüedad tardía, in BERNAL CASASOLA, Darío; JIMÉNEZ-CAMINO ALVAREZ, Rafael, eds. – *Las cetariae de Ivlia Tradvcta. Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calle San Nicolás de Algeciras (2001-2006)*, Cádiz, pp. 655-718.
- ATELIER 15 (2002) – Notas sobre a intervenção em Idanha-a-Velha, *Estudos/Património*, 2, pp. 164-181.
- AZEVEDO, Pedro A. (1899-1900) – Notícias archeologicas do seculo XVIII, *AP*, 5, pp. 115-120.
- BAPTISTA, Joaquim (1998) – *Carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*, Vila Velha de Ródão.
- BASTIEN, Pierre (1985) – Imitations of Roman bronze coins, A.D. 318-363, *Museum Notes*, 30, pp. 143-177.
- BASTIEN, Pierre (1987) – *Le monnayage de l’atelier de Lyon. Du règne de Jovien à la mort de Jovin (363-413)*, Wetteren.
- BLAND, Roger (2018) – *Coin hoards and hoarding in Roman Britain AD 43 - c. 498*, Londres.
- BOST, Jean-Pierre; CAMPO, Marta; GURT, José Maria (1979) – La circulación monetaria en Hispania durante el periodo romano-imperial: problemática e conclusiones generales, *Symposium Numismático de Barcelona*, II, Barcelona, pp. 174-201.
- BOST, Jean-Pierre; NAMIN, Clary (2002) – *Collections du Musée archéologique départemental de Saint-Bertrand-de-Comminges. 5. Les monnaies*, Saint-Bertrand-de-Comminges.
- CABELLO BRIONES, Angela M. (2008) – *Moneda e historia en tierras de Talavera de la Reina: Los hallazgos monetarios del yacimiento de el Saucedo. (Talavera la Nueva, Toledo)*, Talavera de la Reina.

- CALLEJO SERRANO, Carlos (1966) – Los bronceos romanos de Garciaz, *Revista de Estudios Extremeños*, 22, 2, pp. 291-330.
- CALLU, Jean-Pierre (1978) – *Reparatio Reipub*: un problème de circulation monétaire, *Nummus*, 2^a s., 1, pp. 99-119.
- CALLU, Jean-Pierre (1986) – Aspects du quadrimestre monétaire. La périodicité des différents de 294 à 375, *MEFRA*, 98, 1, pp. 165-216.
- CARDOSO, Guilherme (1995-1997) – Um tesouro monetário do Baixo Império na villa de Freiria (Cascais), *AP*, 4^a s., 13-15, pp. 393-413.
- CARVALHO, Pedro C. de; FERNÁNDEZ, Adolfo F.; CRISTÓVÃO, José; DIAS, Patrícia; e SILVA, Ricardo C. da (2020) – Una primera aproximación a los contextos cerámicos tardo antiguos de Idanha-a-Velha (Egitania). Um exemplo de importación y producción local en el interior de la provincia Lusitania, *Rei Cretariae Romanae Favtorum*, Ata n.º. 46, pp. 83-95.
- CASA, Shawn (2019) – Back in the saddle again: a re-examination of the FEL TEMP REPARATIO Falling horseman type, *Koinon*, 2, pp. 113-146.
- CENTENO, Rui Manuel S. (1976) – Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, 138-143, pp. 171-185.
- CEPEDA, Juan José (2000) – *Maiorina Gloria Romanorum*. Monedas, tesoros y áreas de circulación em Hispania en el tránsito del siglo IV al siglo V, *AEA*, 73, pp. 161-192.
- COIXÃO, António N. S.; SILVINO, Tony (2008) – Vale de Mouro (Coriscada, Mêda) – intervenção arqueológica do ano 2007, *Coavisão*, 10, pp. 253-277.
- CONEJO DELGADO, Noé (2020) – El tesoro de la villa romana de Boca do Rio (Vila do Bispo, Algarve, Portugal): 90 años después de su descubrimiento, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 46, pp. 249-271.
- CONEJO DELGADO, Noé (2024) – Moneta et territoria en Lusitania: Economía monetaria y rural de una provincia romana, Madrid.
- CORDERO RUIZ, Tomás (2013) – *El território emeritense durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII)*. Génesis y evolución del mundo rural lusitano, Madrid.
- COSTA, Alexandre A.; FERNANDEZ, Sérgio; GOMES, José Luís (2000) – Restauro do lagar de varas e arquivo epigráfico em Idanha-a-Velha (1995-1999), *Architècti*, 49, pp. 72-75.
- CRISTÓVÃO, José; CARVALHO, Pedro C. de; SILVA, Ricardo C. da; FERNÁNDEZ, Adolfo F.; DIAS, Patrícia (2020) – Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal), in PIZZO, Antonio, ed. – *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*, Mérida, pp.125-133.
- CRUZ, Ana Rosa; RUIVO, José; TOMÉ, Tiago; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima; CORREIA, Virgílio H. (2023) – A ocupação tardo-romana da Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós), *Antrope*, 16, pp. 64-81.
- DEPEYROT, Georges (1992) – Le système monétaire de Dioclétien à la fin de l'Empire Romain, *RBN*, 138, pp. 33-106.
- DOYEN, Jean-Marc; LELARGE, Samuel; FLORENT, Guillaume; OUESLATI, Tarek; DEMAREST, Mélanie; MINNE, Jan; DELMAIRE, Roland (2013) – La circulation monétaire sous les Valentinieniens et les Théodosiens (364-vers 420 apr. J.-C.) dans le Nord-Ouest de la Gaule: l'apport des fouilles de la rue du Warnier à Nempont-Saint-Firmin (Pas de

- Calais, France), *The Journal of Archaeological Numismatics*, 3, pp. 89-262.
- DUARTE, Susana (2000) – Cerâmicas de Idanha-a-Velha: contributo para o estudo dos motivos decorativos, *AP*, s. 4, 18, pp. 99-140.
- FABIÃO, Carlos Jorge G. S. (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*, dissertação de doutoramento, 3 vols., Lisboa.
- FARIA, António M. de (1989) – Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade: o testemunho dos tesouros monetários, *Arqueologia no Vale do Tejo*, Lisboa, pp. 60-61.
- FARIA, António M. de (1991-1992) – Achados monetários em Idanha-a-Velha, *Nummus*, 2ª s., 14-15, pp. 221-168.
- FERNÁNDEZ PORTAENCASA, María (2020) – A fifth century “Gallic Empire”: Hispania as part of Constantine III’s usurpation, *Studia Historica. Historia Antigua*, 38, pp. 217-243.
- GARCÍA FIGUEROLA, Miguel (1995) – El depósito monetar de Las Quintanas, Armenteros (Salamanca), *Numisma* 236, pp. 65-124.
- GARCÍA FIGUEROLA, Miguel (2000) – Depósitos de AE2 de época teodosiana. Moneda perdida o conjuntos abandonados?, *V Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, pp. 449-458.
- GENEVIÈVE, Vincent (2000) – *Monnaies et circulation monétaire à Toulouse sous l’Empire romain (Ier-Ve siècle)*, Toulouse.
- GIL FERNÁNDEZ, Raquel (2001) – *Depósitos, conjuntos y realidades monetarias de la Bética en el bajo imperio*, dissertação de doutoramento, Córdoba.
- HIPÓLITO, Mário de C. (1960-1961) – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, 2-3, pp. 1-166.
- LRBC = CARSON, Robert Andrew G.; HILL, Philip Victor; KENT, John Philip C. (1965) – *Late Roman Bronze Coinage A. D. 324-498*, Londres.
- MAROT, Teresa (2000-2001) – La Península Ibérica em los siglos V-VI: consideraciones sobre provisión, circulación y usos monetários, *Pyrenae*, 31-32, pp. 133-160.
- MARQUES, Diana Salomé S. (2023) – *Contributos para a circulação monetária tardia da Lusitânia: os tesouros monetários do Setor GXVII e da Basílica de Conimbriga e os do Logradouro, Largo da Amoreira e Chão dos Cardos de Idanha-a-Velha*, relatório de estágio do mestrado, Coimbra.
- MARQUES, Diana Salomé S. (no prelo) – O conjunto monetário baixo-imperial do Logradouro (Idanha-a-Velha), *Atas do VI Congresso Nacional de Numismática*, Porto (no prelo).
- MARQUES, Diana Salomé S.; RUIVO, José; CORREIA, Virgílio H. (no prelo) – Notas sobre dois conjuntos monetários tardo-romanos de Conimbriga, *Nummus*, 2ª s., 45 (no prelo).
- MARTÍNEZ CHICO, David (2020) – *Los tesoros imperiales de Hispania*, tese de doutoramento, Valência.
- NUNES, Maria Luísa R. de A. (1974-1977) – Tesouro de moedas romanas encontradas em Tróia, *AP*, 3ª s., 7-9, pp. 359-364.
- PEREIRA, Benjamim (1997) – *Tecnologia tradicional do azeite em Portugal*, Idanha-a-Nova.
- PEREIRA, Isabel; BOST, Jean-Pierre; HIERNARD, Jean, (1974) – *Fouilles de Conimbriga. III. Les monnaies*, Paris.

- PILON, Fabien (2016) – Les imitations du milieu du IV^e siècle: production, diffusion, interprétation, in CHAMEROY, J. e GUIHARD, P.-M., dir. – *Produktion und recyceln von Münzen in der Spätantike/Produire et recycler la monnaie au Bas-Empire*, Mainz, pp. 265-276.
- PINTO, José Marcelo S. M. (2007) – Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega, *Nummus*, 2^as., 28/30, pp. 9-299.
- PINTO, José Marcelo S. M. (2016) – O tesouro de Paradela-Sequeiro Longo (Cinfães). Subsídios para o estudo do entesouramento e da circulação monetária no Vale do Douro, *Nummus*, 2^a s., 39, pp. 49-55.
- PORTUGAL. COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO (1998) – *Programa das Aldeias Históricas de Portugal*, Coimbra.
- REDENTOR, Armando; CRISTÓVÃO, José; CARVALHO, Pedro C.; DIAS, Patrícia e SILVA, Carla R. (2022) – A valorização patrimonial das inscrições romanas de Idanha-a-Velha, in ANDREU PINTADO, Javier; REDENTOR, Armando; e ALGUACIL VILLANÚA, Elena, eds. – *Valete vos viatores: Travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire*, Coimbra, pp. 307-354.
- REECE, Richard (1973) – Roman coinage in the western Roman empire, *Britannia*, 4, pp. 227-251.
- REECE, Richard (2010) – *The coinage of Roman Britain*, Stroud (reed.).
- RIC VIII = KENT, John Philip C. (1981) – *The Roman Imperial Coinage. VIII. The Family of Constantine I (A. D. 337-364)*, Londres.
- RIC IX = PEARCE, John William E. (1968) – *The Roman Imperial Coinage. IX. Valentinianus I-Theodosius I*, Londres (reimp.).
- RIPOLLÈS, Père Pau (2002) – La moneda romana imperial y su circulación en Hispania, *AEspA*, 75, pp. 195-214.
- RUIVO, José (2005) – A presença romana na região Oeste na perspetiva dos tesouros monetários, in *A presença romana na região Oeste* (Atas do Congresso), Bombarral, pp. 135-147.
- RUIVO, José (2016) – As moedas (Conclusions), in CORSI, C., ed. – *Ammaia II. The excavation contexts 1994-2011*, Gante, pp. 335-351.
- RUIVO, José (2023) – O depósito monetário tardo-romano da sepultura 6 da Casa dos esqueletos (Conimbriga, Portugal), *Conimbriga*, 62, pp. 123-144.
- RUIVO, José; SIENES HERNANDO, Milagros (1993-1997) – Um lote de moedas do tesouro tardo romano das Ferrarias (Ramalhal, Torres Vedras), *Nummus*, 2^a s., 16-20, pp. 231-245.
- SALAMA, Pierre; CALLU, Jean-Pierre (1990) – L’approvisionnement monétaire des provinces africaines au IV^e siècle, pp. 91-116, in *L’Afrique dans l’Occident romain (I^{er} siècle av. J.-C. – IV^e siècle apr. J.-C.)*, Roma, pp. 91-116.
- SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2019) – Los paisajes culturales de Idanha-a-Velha, in SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge, eds. – *De ciuitas Igaeditanorum a Laydāniyya. Paisajes urbanos de Idanha-a-Velha (Portugal) en épocas tardoantigua y medieval*, Madrid, pp. 1-16.
- SAN VICENTE, José Ignacio (1999) – *Circulación monetaria en Hispania durante el siglo IV d.C.*, Madrid.

- SANTOS, Maria Luísa E. V. A. (1972) – *Arqueologia romana do Algarve*, vol. II, Lisboa.
- SIENES HERNANDO, Milagros (2000) – *As imitações de moedas de bronze do século IV d.C. na península ibérica. O caso do AE2 Reparatio Reipub*, Lisboa.
- SILVA, António Manuel dos S. P.; PINTO, José Marcelo S. M. (1995) – O tesouro numismático do Castro de Ossela (Oliveira de Azeméis), *Ul-Vária*, 2, 1-2, pp. 53-76.
- STELLA, Andrea (2017) – *La moneta in bronzo ad Aquileia: aspetti della circolazione monetaria tra IV e VII sec. d.C.*, tese de doutoramento, Udine.
- TEICHNER, F. (1997) – Céramique de l'époque de l'ordre des Templiers, mobilier du Moyen-Age d'Idanha-a-Velha (Beira Interior, Portugal), in *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du 6e congrès*, Aix-en-Provence, pp. 347-352.
- TELES, Joaquim Maria R. (1961) – Achado de moedas romanas, *Nummus*, 22, pp. 146-148.
- TELES, Joaquim Maria R. (1974) – Outro achado de moedas romanas em Coruche, *Nummus*, 33, pp. 81-88.
- VELÁZQUEZ JIMÉNEZ, Augustín (1983) – El tesoro de Torrecaños de Guareña (Badajoz). Contribución al estudio de la circulación monetaria durante el Bajo Imperio en el territorium emeritense, *Augusta Emerita I* (EAE 126), Madrid, pp. 85-190.

	CM's occidentals							CM's orientals											
	Tr	Ly	Ar	R	Aq	Sis	Oc	T	H	Cp	N	Cz	Ant	Ale	Ori	Imi	Ind	Tot	%
Cronologia Tipo Reverso																			
378-387 REPARATIO REIPVB	3	27	56	26	10	9	16	5		1	1		3			8	47	212	52,74
VICTORIA AVGG		1					1											2	0,50
SALVS REIPVBLICAE								1										1	0,25
383-388 GLORIA ROMANORVM (15)									1			1						2	0,50
GLORIA ROMANORVM (17)															1			1	0,25
VIRTVS EXERCITI (1)												1			1			2	0,50
393-395 GLORIA ROMANORVM (18)									15	27	22	22	35	6	34	1		162	40,30
378-395 Ilgivel																1		1	0,25
Total	5	29	57	31	10	10	17	6	16	28	25	24	38	7	37	11	51	402	100

QUADRO 2 – Depósito do Logradouro do Lagar: distribuição por autoridade emissora e casas da moeda.

	CM's ocidentais							CM's orientais											
Entidade emissora	Tri	Lyo	Ar	R	Aq	Sís	Oci	Tes	Her	Con	Nic	Cíz	Ant	Ale	Ori	Imi	Ind	Tot	%
Maxêncio				1														1	0,25
Constâncio II				2		1					1				1		2	7	1,74
Constante	1										1							2	0,50
Constâncio Galo														1				1	0,25
Magnêncio	1	1	1	2												1		6	1,49
Graciano	1	13	22	14	3	1					1		3			4	15	77	19,15
Valentiniano II		1	7	3	3	7		4	1			1					6	33	8,21
Teodósio I			3	7	4	1		1	4	15	10	8	9	3	12	1	5	83	20,65
Flacila								1										1	0,25
Arcádio									5	4	5	9	10	1	10			44	10,95
Honório									4	6	6	6	11	2	6			41	10,20
Magno Máximo	1	11	21				17											50	12,44
Indeterminado	1	3	3	2					2	3	1		5		8	5	23	56	13,93
Total	5	29	57	31	10	10	17	6	16	28	25	24	38	7	37	11	51	402	100

QUADRO 3 – Análise comparativa das percentagens por casas da moeda nos depósitos de Las Quintanas, Garciaz, Torrecaños, Tróia III e do Logradouro do Lagar para o período 378-387 d.C.

	Tri	Lyo	Ar	R	Aq	Sís	Tes	Her	Con	Nic	Cíz	Ant	Ale
Las Quintanas	1,1%	7,8%	13,9%	9,5%	2,3%	1,6%	2,8%	0,3%	0,6%	2,6%	0,2%	0,8%	-
Garciaz	1,7%	4,8%	10,5%	7,4%	3,6%	2%	1,3%	-	0,1%	0,1%	-	2,2%	0,3%
Torrecaños	0,6%	4,2%	8,6%	4,7%	2,9%	2,1%	1,5%	0,2%	0,4%	0,4%	0,07%	2,6%	0,1%
Tróia III	1,2%	6,8%	15%	13,3%	3,5%	3,5%	1,2%	0,4%	0,8%	0,4%	-	2,3%	0,2%
Logradouro	0,7%	6,9%	13,9%	6,7%	2,5%	2,2%	1,5%	0,3	0,3%	0,3%	-	0,7%	-

QUADRO 4 – Análise comparativa por casas da moeda nos depósitos de Las Quintanas, Garciaz, Torrecaños, Tróia III e do Logradouro do Lagar para o período 393-395 d.C.

	Her	Con	Nic	Cíz	Ant	Ale
Las Quintanas	3,9%	7,2%	7,4%	4,7%	9,8%	2,8%
Garciaz	5,5%	10,4%	11,5%	5,5%	10,5%	1,2%
Torrecaños	1,9%	8,5%	6,1%	2,2%	8%	1,6%
Tróia III	5,7%	10%	13,3%	5,5%	12,5%	2%
Logradouro	3,8%	6,9%	5,6%	5,6%	8,9%	1,5%

QUADRO 5 – Peso médio dos AE2 Reparatio Reipub e Gloria Romanorum dos conjuntos monetários do Logradouro do Lagare e de Las Quintanas³⁵.

	Lyo	Ar	R	Com	Ciz	Ant
Logradouro	4,92g (18)	4,57g (33)	4,79g (18)	4,03g (27)	4,82g (13)	4,66g (23)
Las Quintanas	4,26g (46)	4,47g (88)	5,00g (48)	4,57g (43)	4,59g (29)	4,74g (71)

QUADRO 6 – Depósito de Chão dos Cardos: distribuição cronológica dos tipos de reverso.

		CM's occidentais							CM's orientais									
Cronologia	Reverso	Ly'o	Ar	R	Aq	Sis	Oci	Tes	Con	Nic	Ciz	Ant	Ale	Ori	Imi	Ind	Tot	%
313-318 SOLI INVICTO COMITI							1										1	1,85
350-355 AE3 FEL TEMP REPARATIO (FH3)																	1	1,85
378-387 AE2 REPARATIO REIPVB		4	2	4	4	1	6	1							1	1	24	44,44
393-395 AE2 GLORIA ROMANORVM (18)									7	6	8	2	1	3			27	50
383-392 AE2 VIRTVS EXERCITI (IMP.4)														1			1	1,85
Total		4	2	5	4	1	7	1	7	6	8	2	1	4	1	1	54	100%

³⁵ O número que se encontra entre parênteses corresponde ao número de exemplares utilizados no cálculo médio de pesos.

QUADRO 7 – Depósito de Chão dos Cardos:
distribuição por autoridade emissora e casas da moeda.

	CM's ocidentais							CM's orientais							Tot	Ind	Imi	%
	Lyo	Arl	R	Aq	Sís	Oci	Tes	Con	Nic	Cíz	Ant	Ale	Ori	Imi				
Autoridade emissora						1									1			1,85
Constantino I															1			1,85
Constâncio II			1															
Graciano	4		1	2										1	9	1		16,67
Valentiniano II			3	1	1										5			9,26
Teodósio I				1			1	4	2	3	1		1		13			24,07
Arcádio								1	1	3	1		1		7			12,96
Honório								2	3	2		1	1		9			16,67
Magno Máximo		2				6									8			14,81
Indeterminado													1		1			1,85
Total	4	2	5	4	1	7	1	7	6	8	2	1	4	1	54	1		100

QUADRO 8 – Composição do depósito monetário do Largo da Amoreira.

		CM's ocidentais					CM's orientais					Tot	%
		Lyo	R	Aq	Oei	Cons	Nic	Cíz	Ant	Ori	Ind	Imi	
Autoridade emissora													
348-350 AE2 FEL TEMP REPARATIO (<i>Hut</i>)	Indeterminado										1		1 5,88
	Graciano	1	1										2 11,76
	Teodósio I		1	1									2 11,76
	Magno Máximo				1								1 5,88
	Indeterminado										2	1	3 17,65
393-395 AE2 GLORIA ROMANORVM (18)	Teodósio I							1		1			2 11,76
	Arcádio					1	1	1	1				4 23,52
	Honório					2							2 11,76
	Total	1	2	1		3	1	2	1		4	1	17 100%

QUADRO 9 – Moedas de imitação presentes nos depósitos do Logradouro do Lagar, Chão dos Cardos e Largo da Amoreira.

	VICT DD NN AVG ET CAESS		REPARATIO REIPVB		GLORIA ROMANORVM		Tipo indeterminado		Total
	1		9		1		1		
Logradouro do Lagar									12
Chão dos Cardos			1						1
Largo da Amoreira			1						1
Total	1		11		1		1		14

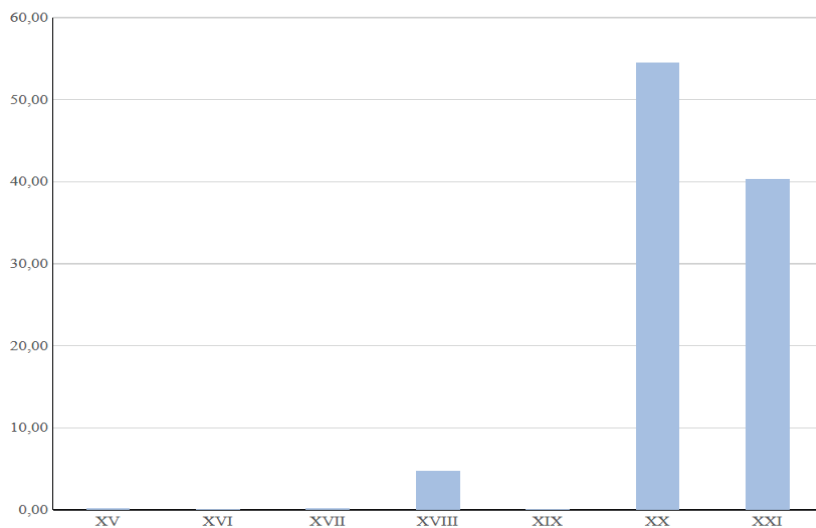


GRÁFICO 1 – Depósito do Logradouro do Lagar:
distribuição do numerário, segundo a periodização de Reece.

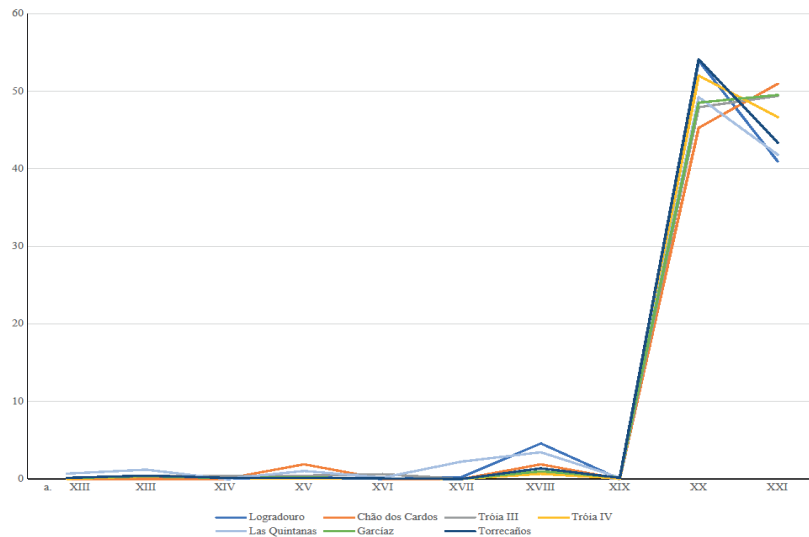


GRÁFICO 2 – Distribuição do numerário dos conjuntos monetários do
Logradouro do Lagar, Chão dos Cardos, Tróia III, Tróia IV, Las Quintanas,
Garciaz e Torrecaños, segundo a periodização de Reece.

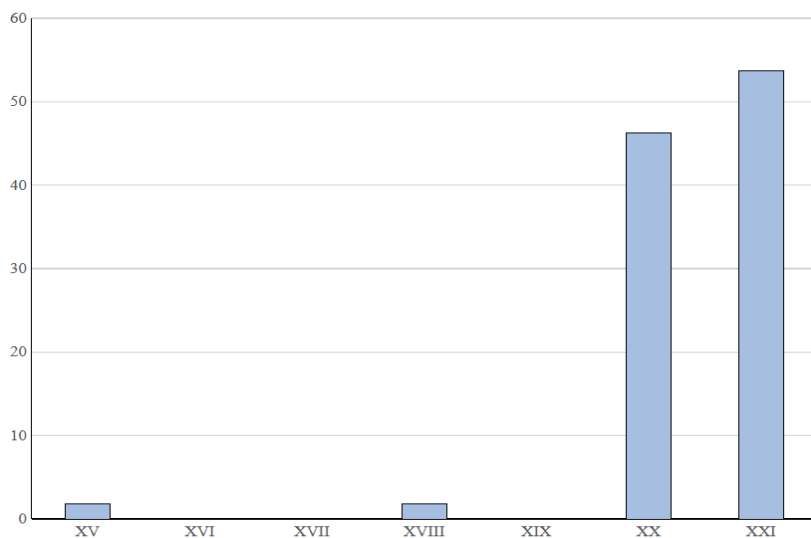


GRÁFICO 3 – Distribuição do depósito de Chão dos Cardos, segundo a periodização de Reece.

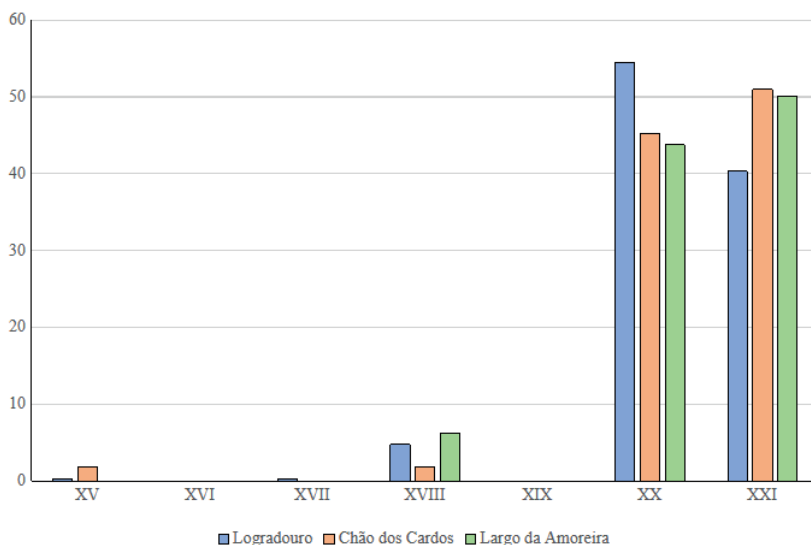


GRÁFICO 4 – Distribuição das moedas nos depósitos do Logradouro do Lagar, de Chão dos Cardos e Largo da Amoreira, segundo a periodização de Reece.

Anexos

Catálogo dos depósitos monetários

Critérios de apresentação do catálogo

O catálogo dos depósitos monetários está organizado segundo a distribuição geográfica das casas da moeda, de Ocidente para Oriente, de acordo com a cronologia das emissões. Para cada moeda são indicados os seguintes elementos identificativos: legenda de anverso, número de ordem no catálogo, busto, legenda de reverso, tipo de reverso, marca monetária, peso (indicado por ordem decrescente, nos casos em que há pelo menos 2 exemplares idênticos), bibliografia (número de RIC até 364 d.C. e número de LRBC daquela data em diante).

Por uma questão de comodidade na organização do catálogo, adotaram-se códigos para a descrição dos bustos dos aversos (cf. *infra*). Quanto aos reversos, nos casos em que para uma mesma legenda existe uma iconografia variada, adotaram-se as descrições utilizadas pelos autores de LRBC (1965: 108-110).

Os depósitos monetários estudados são compostos, esmagadoramente, por AE2. Excepcionalmente integram outras denominações, indicadas entre parênteses (*nummi*, AE3) logo a seguir à legenda de anverso.

Código dos bustos

A1	para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado
A2	para a direita, com diadema (...), drapejado e couraçado
A3	para a direita, com diadema de rosetas, drapejado e couraçado
A4	para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado, com lança e escudo. Sobre a cabeça, mão segurando diadema
A5	para a direita (...)
A6	para a direita, descoberto, drapejado e couraçado
A7	para a direita, com diadema de pérolas, com elmo e lança, drapejado e couraçado.
A8	para a direita, coberto com manto e toucado
A9	para a direita, laureado
A10	para a direita, laureado e couraçado
A11	para a esquerda, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado, segurando globo

Anexo 1. Logradouro do Lagar

TRIER					
348-350 d.C.					
<i>Anv.: D N CONSTA-NS P F AVG</i>					
1.	A17	FEL • TEMP • REPAR-ATIO (<i>Cabana</i>)	- //TRP•	3,35	RIC 225
350-353 d.C.					
<i>Anv.: D N MAGNEN-TIVS P F AVG, letra A atrás do busto</i>					
2.	A1	GLORIA ROMANORVM (2)	- //TRP◡	3,37	RIC 271
378-383 d.C.					
<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>					
3.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMTRP	6,54	LRBC 150
383-387 d.C.					
<i>Anv.: D N MAG MAX-IMVS P F AVG</i>					
4.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	4,43	LRBC 154
378-387 d.C.					
<i>Anv.: Ilegível</i>					
5.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMTR[...]	4,87	LRBC 150-152/154
LYON					
350-353 d.C.					
<i>Anv.: D N MAGNEN-TIVS P F AVG, letra A atrás do busto</i>					
6.	A6	GLORIA ROMANORVM (3)	- //RPLG	3,20	RIC 115
378-383 d.C.					
<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>					
7-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVGP	4,39; 3,40	LRBC 372
9.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVGS	4,14	LRBC 372
10-2.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVG[...]	5,45; 4,91; 3,30	LRBC 372
13-5.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGP	5,78; 5,15; 4,80	LRBC 376
16-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGS	5,44; 4,54; 3,52	LRBC 376
19.	A1	REPARATIO REIPVB	- ?//LVG[...]	4,27	LRBC 372/375-6
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG</i>					
20.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGP	4,63	LRBC 377
<i>Anv.: D N [...] (Graciano/Valentiniano II)</i>					
21.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGS	3,28	LRBC 376-7
383-387 d.C.					
<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>					
22.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVGP	3,86	LRBC 379
23-5.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVGS	5,05; 4,64; 4,16	LRBC 379
26.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVG[...]	4,44	LRBC 379
27.	A1	REPARATIO REIPVB	- ◡// LVGS	4,09	LRBC 382
28-31.	A1	REPARATIO REIPVB	- C//LVG[...]	5,18; 4,77; 4,39; 4,19	LRBC 382
32.	A1	VICTORI-A AVGG	- //LVGP	6,00	LRBC 383
378-387 d.C.					
<i>Anv.: [...]V[...] (Graciano/Magno Máximo)</i>					
33.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGP	5,32	LRBC 376/381
<i>Anv.: Ilegível</i>					
34.	-	REPARATIO REIPVB	- //LVG[?]	3,43	-
LYON/ARLES					
<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>					
35.	A1	REPARATIO REIPVB	- C//[...]	5,10	-
ARLES					
350-353 d.C.					
<i>Anv.: D N MAGNEN-TIVS P F AVG; letra A atrás do busto</i>					
36.	A6	GLORIA ROMANORVM (4)	L *//[...]ARL	5,11	RIC 155

378-383 d.C.

Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG					
37-44.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	5,92; 5,30; 4,93; 4,66; 4,56; 4,17; 4,17; 3,62	LRBC 548
45-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SCON	4,38; 3,89; 3,75; 2,03	LRBC 548
49-53.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//TCON	4,80; 4,74; 4,48; 4,34; 4,24	LRBC 548
54-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]CON	5,01; 4,98; 4,25; 4,16; 4,02	LRBC 548
Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG					
59-62.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	4,86; 3,81; 3,60; 3,31	LRBC 550
63.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SCON	5,49	LRBC 550
Anv.: D N VALENTINIANVS [S ...]					
64.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	3,84	LRBC 549-550
Anv.: D N VALENTINIANVS [...]					
65.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//TCON	3,65	LRBC 549-550
Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG					
66.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	4,16	LRBC 551
67.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SCON	5,40	LRBC 551
68.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]CON	4,82	LRBC 551?
Anv.: Ilegível (Graciano/Valentiniano II/Teodósio)					
69.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]CON	4,43	LRBC 548-551

383-387 d.C.

Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG					
70-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	4,60; 4,39; 4,28; 4,23; 4,19; 3,87; 3,85; 3,58; 3,36	LRBC 553
79-84.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SCON	6,90; 4,80; 4,65; 4,12; 4,01; 4,00	LRBC 553
85-6.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//TCON	4,36; 3,67	LRBC 553
87-90.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]CON	4,83; 4,04; 3,96; 3,49	LRBC 553

378-387 d.C.

Anv.: [D N ...]VS PF AVG (Graciano/Magno Máximo)					
91.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]CON	2,59	LRBC 548/553
Anv.: Ilegível					
92.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	3,82	LRBC 548-551/553

**ROMA
310-311 d.C.**

Anv.: IMP C MAXENTIVS P F AVG					
93.	A10	CONSERV VRB SVAE	- -//RE[...]	6,03	RIC 258

Primavera 351-26 Setembro 352 d.C.

<i>Anv.: D N MAGNEN-TIVS P F AVG; letra Γ atrás do busto</i>					
94.	A6	VICT DD NN AVG ET CAES, VOT/V/MVLT/X	★// RT	4,56	RIC 218
<i>Anv.: Ilegível; letra Γ atrás do busto (Magnêncio/Decêncio)</i>					
95.	A6	VICT DD NN AVG ET CAES, VOT/V/MVLT/X	Æ//R* [...]	2,95	RIC 222-223

353-355 d.C.

Anv.: D N CONSTAN-TIVS P F AVG (AE3)					
96.	A1	FEL TEMP – REPARATIO (FH 3)	- -//RT#	1.97	RIC 282

353-358 d.C.

Anv.: D N CONSTAN-TIVS P F AVG (AE3)				
97.	A1	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (FH 3)	- -//[...]	1,27

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>			
98-100.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRP 4,95; 4,43; 3,58 LRBC 750
101.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRB 3,49 LRBC 750
102-5.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRT 5,36; 4,51; 4,14; 3,66 LRBC 750
106-7.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRQ 4,88; 3,99 LRBC 750
108-	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMR[...] 6,32; 4,37; 4,36; 3,57
111.	<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>		
112.	A1	REPARATIO REIPVB	- // SMRB 4,57 LRBC 752
113-4.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMR[...] 4,72; 4,16 LRBC 752
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
115-6.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRP 5,87; 4,03 LRBC 753
117.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRB 5,08 LRBC 753
118-	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRQ 5,90; 3,99; 3,92 LRBC 753
120.			
121.	A5	REPARATIO REIPVB	- //SMRQ 4,13 LRBC 753
<i>Anv.: Ilegível (Graciano/Valentiniano II/Teodósio)</i>			
122.	A2	REPARATIO REIPVB	- //SMRQ 3,80 LRBC 750-3
123.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMR[...] 4,45 LRBC 750-3

AQUILEIA

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>			
124-5.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQP 4,58; 4,32 LRBC 1064
126.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMA[Q...] 5,02 LRBC 1064
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG</i>			
127.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQP 3,78 LRBC 1065
128-9.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQS 5,78; 4,90 LRBC 1065
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
130-2.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQP 4,65; 4,41; 4,17 LRBC 1067
133.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQ[...] 4,25 LRBC 1067

SÍSCIA

351-354 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTAN-TIVS P F AVG; letra A atrás do busto</i>			
134.	A1	FEL TEMP RE-PARTIO (<i>FH3</i>)	- // *ΓSIS 3,70 RIC 336

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>			
135.	A1	REPARATIO REIPVB	- // *BSISC• 4,20 LRBC 1531
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG</i>			
136-7.	A1	REPARATIO REIPVB	- //BSISC 4,97; 3,93 LRBC 1515
138.	A1	REPARATIO REIPVB	- //ASISC• 3,62 LRBC 1520
139-	A1	REPARATIO REIPVB	- // *BSISC 4,47; 4,15 LRBC 1526
140.			
141.	A1	REPARATIO REIPVB	- // *BSISC• 3,29 LRBC 1532
142.	A1	REPARATIO REIPVB	- // *ASISC[...] 4,50 LRBC 1526/32
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
143.	A1	REPARATIO REIPVB	- //ASISC 4,05 LRBC 1514

TESSALONICA

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>			
144.	A1	REPARATIO REIPVB	- A//SMTES 3,38 LRBC 1824
145.	A1	REPARATIO REIPVB	- Δ//SMTES 4,55 LRBC 1824
<i>Anv.: D N VALENTINI-ANVS P F AVG</i>			
146.	A1	REPARATIO REIPVB	- A//SMTES 4,48 LRBC 1825
147.	A1	REPARATIO REIPVB	- B//SMTES 5,56 LRBC 1825
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
148.	A1	REPARATIO REIPVB	- B//SMTES 3,27 LRBC 1826

383-387 d.C.

<i>Anv.: AEL FLAC-CILLA AVG</i>			
149.	A9	SALVS REI-PVBLICAE (<i>Vitória sentada para a direita</i>)	- //•TESΔ 3,70 LRBC 1839

HERACLEIA

383-388 d.C.

<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>			
150.	A8	GLORIA RO-MANORVM (15)	- τ//SMHA 4,61 LRBC 1970

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
151.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHB 3,04 LRBC 1986
152-3.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHΔ 4,22; 3,51 LRBC 1986
154.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//SMHB 4,46 LRBC 1989
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>			
155-6.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHA 4,43; 3,43 LRBC 1987
157.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHB 3,26 LRBC 1987
158.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMH[...] 3,82 LRBC 1987
159.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//SMH[...] 3,91 LRBC 1990
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>			
160.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHΓ 2,55 LRBC 1988
161.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHΔ 3,85 LRBC 1988
162.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//SMHΓ 3,24 LRBC 1991
163.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//SMHΔ 3,19 LRBC 1991
<i>Anv.: [...]VS P F AVG (Teodósio/Honório)</i>			
164.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//SMHA 4,12 LRBC 1989/91
<i>Anv.: Ilegível (Teodósio/Arcádio/Honório)</i>			
165.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMHΓ 5,31 LRBC 1986-8

CONSTANTINOPLA 378-383 d.C.

<i>Anv.: Ilegível (Graciano/Valentiniano II/Teodósio)</i>			
166.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//C[ONS...] 2,75 LRBC 2118-20

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
167-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSA 4,90; 4,42; LRBC 2186
170.			4,10; 2,82
171-3.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSB 4,88; 4,29; LRBC 2186
			3,96
174-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSA 4,56; 4,55 LRBC 2186
176-8.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONS[...] 4,26; 3,50; LRBC 2186
			3,37
179.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	+ +//CONSB 3,55 LRBC 2198
180-1.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	+ +//CONS[...] 4,83; 3,91 LRBC 2198
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>			
182.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSA 5,77 LRBC 2187
183-4.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSIΓ 4,51; 4,27 LRBC 2187
185.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	+ +//CONSA 2,43 LRBC 2199
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>			
186-7.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSA 4,12; 3,22 LRBC 2188
188-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONSA 4,74; 4,24; LRBC 2188
190.			3,31
191.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONS[...] 2,53 LRBC 2188/2197
<i>Anv.: Ilegível (Teodósio/Arcádio/Honório)</i>			
192.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONS[...] 5,13 LRBC -
193.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	? ?//CONSA 2,66 LRBC -

NICOMÉDIA 347-348 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTA-NS P F AVG (Nummus)</i>			
194.	B4	VOT/XX/MVLT/XXX	- -//SMNA 1,43 RIC 51

351-355 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTAN-TIVS P F AVG</i>			
195.	A1	FEL TEMP RE-PARATIO (FH3)	Γ -//SMN[...] 4,33 RIC 84

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>			
196.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SMNB 5,66 LRBC 2343

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
197-204.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMNA 4,97; 4,91; LRBC 2422
			4,58; 4,36;
			4,11; 3,93;
			3,93; 3,81
205.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMN[...] 3,66 LRBC 2422
206.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- *//[...] 3,87 LRBC 2431
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>			

207-9.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMNB	5,35; 4,31; 3,32	LRBC 2423
210.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMN[...]	4,17	LRBC 2423
211.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- */SMN[...]	4,47	LRBC 2432
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>					
212-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMNΓ	5,45; 4,47; 4,46; 4,37	LRBC 2424
216-7.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMN[...]	4,18; 4,04	LRBC 2424
<i>Anv.: Ilegível (Teodósio/Arcádio/Honório)</i>					
218.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMNB	3,14	LRBC 2422-4

NICOMÉDIA/CÍZICO 351-354 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTANTINVS P F AVG</i>					
219.	A1	FEL TEMP-REPARATIO (FH3, var. B)	Γ -//•SM[...]	3,60	RIC 86/96

CÍZICO 383-388 d.C.

<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>					
220.	A8	GLORIA RO-MANORVM (15)	Ω -//[SMK...]	3,42	LRBC 2549

383-392 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>					
221.	A1	VIRTVS E-XERCITI (1)	- //SMKA	4,62	LRBC 2565

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>					
222-3.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKA	4,21; 3,10	LRBC 2571
224-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKB	4,97; 4,18	LRBC 2571
226.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKΓ	2,88	LRBC 2571
227.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKA	3,46	LRBC 2571
228.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMK[...]	3,64	LRBC 2571
<i>Anv.: D N ARCADIVS P F AVG</i>					
229.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKA	5,37	LRBC 2572
230-1.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKB	5,37; 4,20	LRBC 2572
232-3.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKA	3,99; 3,66	LRBC 2572
234-7.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKΓ	6,30; 5,55; 4,03; 2,56	LRBC 2572
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>					
238-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKA	4,45; 3,91;	LRBC 2573
240.				3,40	
241.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKB	4,26	LRBC 2573
242-3.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMKΓ	5,80; 4,07	LRBC 2573

ANTIOQUIA 378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>					
244-5.	A3	REPARATIO REIPVB	- //ANTA	4,50; 4,50	LRBC 2680
246.	A1	REPARATIO REIPVB	- //ANT[...]	5,69	LRBC 2679

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>					
247-8.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTA	5,36; 4,69	LRBC 2779
249.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTΓ	4,59	LRBC 2779
250.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTA	4,32	LRBC 2779
251.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTA	4,53	LRBC 2779-80
252-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANT[...]	5,20; 5,17; 4,41; 3,73	LRBC 2779
<i>Anv.: D N ARCADIVS P F AVG</i>					
256.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTA	4,75	LRBC 2781
257-9.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTB	4,66; 3,86; 3,68	LRBC 2781
260.	A3	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTB	3,42	LRBC 2782
261.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTΓ	3,27	LRBC 2781
262-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANT[...]	5,18; 4,38; 3,62; 2,99	LRBC 2781
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>					
266-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTΓ	4,51; 4,44;	LRBC 2783
270.				3,94; 3,83; 3,59	
271-2.	A3	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTΓ	5,06; 4,77	LRBC 2784
273.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTΓ	3,89	LRBC 2783-4
274.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANTA	4,26	LRBC 2783

275.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANT[...]	4,39	LRBC 2783
276.	A3	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ANT[...]	2,67	LRBC 2784
<i>Anv.: Ilegível (Teodósio/Arcádio/Honório)</i>					
277.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- // ANTI	3,99	LRBC -
278.	A3?	GLORIA ROMANORVM (18)	- // ANTI	3,02	LRBC -
279.	A5	GLORIA ROMANORVM (18)	- // ANTI	3,58	LRBC -
280.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- // ANTA	4,17	LRBC -
281.	A5	GLORIA ROMANORVM (18)	- // ANT[...]	3,29	LRBC -

ALEXANDRIA 351-354 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTANTI-VS NOB CAES, letra Δ atrás do busto</i>					
282.	A6	FEL TEMP RE-PARATIO (FH3)	- //ALEB	3,92	RIC 77

393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>					
283.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ALEB	5,22	LRBC 2910
284-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ALE[...]	4,29; 3,74	LRBC 2910
<i>Anv.: D N ARCADIVS P F AVG</i>					
286.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //[...]	4,85	LRBC 2911
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>					
287.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ALEB	4,43	LRBC 2913
288.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //ALEΔ	4,22	LRBC 2913

CASA DA MOEDA INDETERMINADA 351-355 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTANTI-VS P F AVG</i>					
289.	A1	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (FH3)	- //[...]	4,37	-

353-358 d.C.

<i>Anv.: D N CONSTANTI-VS P F AVG (AE3)</i>					
290.	A1	FEL TEMP-REPARATIO (FH3)	- //[...]	2,14	-
<i>Anv.: Ilegível (Constâncio II/Constâncio Galo/Juliano) (AE3)</i>					
291.	A5	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (FH3)	- //[...]	2,19	-

367-378 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG (AE3)</i>					
292.	A1	SECVRITAS REIPUBLICAE	- //[...]	2,53	-

378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>					
293.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SM[...]	3,28	-
294-9.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	5,79; 4,93; 4,49; 4,52; 4,13; 3,32	-
300-3.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	4,79; 4,17; 3,86; 3,36; 2,97	-
304.	A2	REPARATIO REIPVB	- //[...]	4,36	-
305.	A5	REPARATIO REIPVB	- //[...]	4,17	-
306.	A2	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	5,50	-
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>					
307-8.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	5,20; 5,03	-
309.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	3,91	-
<i>Anv.: D N VALENTI[...]</i>					
310.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]S	4,79	-
311.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	4,19	-
<i>Anv.: D N VALEN[...]</i>					
312.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	5,07	-
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>					
313.	A2	REPARATIO REIPVB	- //SM[...]	4,18	-
314.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	4,23	-
315.	A1	REPARATIO REIPVB	- //?	5,73	-
316.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	4,36	-
317.	A2	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- //[...]	2,72	-

383-387 d.C.

<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>					
318-325.	A1	REPARATIO REIPVB	- //[...]	5,99; 4,76; 4,26; 4,16; 3,98; 3,91;	-

326.	A1	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	2,71; 1,99 3,61	-
327.	A1	REPARATIO REIPVB	- ?/[...]	3,77	-
328-	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	3,90; 3,70;	-
330.				3,69	
		<i>Anv.: D N MAG MA[...]</i>			
331.	A1	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	3,72	-
		<i>Anv.: D N MA[...] AVG</i>			
332.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	4,43	-
		<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>			
333.	A5	Ilegível; tipo <i>Victoria Augg</i>	- -/[...]	2,77	-

378-387 d.C.

		<i>Anv.: [...]VS [P F AVG]</i>			
334.	A1	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	4,55	-
		<i>Anv.: D N [...] P] F AVG</i>			
335.	A2	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	3,80	-
		<i>Anv.: Ilegível</i>			
336-9.	A1	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	5,18; 4,18; 4,04; 3,27	-
340.	A2	REPARATIO REIPVB	- -/[...]	3,47	-
341-5.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	5,04; 4,53; 4,50; 4,10; 2,86	-
346-7.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/?	4,03; 3,61	-
348-	A2	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	5,67; 4,42;	-
351.				4,08; 2,98	
352-4.	A5	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	4,25; 3,70;	-
				3,35	
355.	-	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -/[...]	2,33	-

383-388 d.C.

		<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>			
356.	A4	GLORIA RO-MANORVM (17)	- -/[...]	4,22	-
		<i>Anv.: D N [...] AVG</i>			
357.	A1	VIRTVS EXERCITI (1)	- -/[...]	4,46	-

393-395 d.C.

		<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>			
358-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]	4,86; 4,81;	-
360.				4,77;	
361-8.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	4,04; 3,89;	-
				3,86; 3,73;	
				3,65; 3,22;	
				2,75; 2,74;	
369.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]	3,22	-
		<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>			
370-4.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]	5,63; 4,93;	-
				4,29; 3,35;	
				3,27	
375-6.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	3,65; 3,58	-
377.	A1	Ilegível; tipo <i>Gloria Romanorum</i> (18)	- -/[...]	4,45	-
378.	A1	Ilegível; tipo <i>Gloria Romanorum</i> (18)	- -/?	4,19	-
		<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>			
379-	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]	4,23; 4,07;	-
382.				3,93; 3,75	
383.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	3,63	-
384.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]B	5,00	-
		<i>Anv.: D N [...]IVS P F AVG</i>			
385.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/[...]	3,90	-
		<i>Anv.: [...] AVG</i>			
386.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	4,47	-
		<i>Anv.: Ilegível</i>			
387.	A2	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	4,00	-
388-9.	A5	GLORIA ROMANORVM (18)	- -/?	4,36; 3,10	-
390.	A1	Ilegível; tipo <i>Gloria Romanorum</i> (18)	- -/?	2,80	-
391.	A5	Ilegível; tipo <i>Gloria Romanorum</i> (18)	- -/?	2,66	-

CUNHAGENS IRREGULARES

2ª metade séc. IV d.C.

		<i>Anv.: [...]TA-N[...]</i>			
392.	A6?	Fruste	-	5,92	-

Post. Setembro 352 d.C.

Anv.: Ilegível				
393.	A5	Ilegível; tipo <i>Victoriae Dd Nn Aug et Caes</i>	?	3,33 -

Post. 378 d.C.

Anv.: [...]A[...] - NVS P F AVG				
394.	A2	[...]PA[...]EIPV[...]	- 2//?VGP	4,21 -
Anv.: D N CENT[...]				
395.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//[...]	2,97 -
Anv.: [...] GRATIA[...] V2P L AVC				
396.	A2	REPAH[...]AIHCVA	- -//[...]	3,83 -
Anv.: [...] - NAV P P A\G				
397.	A1	[...]TIO - REPPC	- -//VG2	3,31 -
Anv.: [...] - NVS [...] AVG				
398.	A1	[...]; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//[...]	2,97 -
Anv.: [...] [D] N THEOSO-SI[...]				
399.	A1	[...]TIO [...]EIVB	- -//[...]	3,57 -
Anv.: DIM[...]VIP[...]				
400.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//[...]	3,15 -
Anv.: Ilegível				
401.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//[...]	3,87 -

Post. 393 d.C.

Anv.: Ilegível				
402.	A1	GLORIA [...] (18)	[...]	3,33 -

Observações ao catálogo:

1. J. P. C. Kent descreve o busto com diadema de pérolas (cf. RIC VIII 225).
7. Pequeno salto dos cunhos.
27. Apesar do C invertido no lado direito do campo e de algumas hesitações iniciais, acabámos por catalogar esta moeda nas emissões oficiais de Magno Máximo.
29. Anverso ilegível. A atribuição a Magno Máximo deve-se ao busto, largo e robusto.
31. Anverso ilegível. A atribuição a Magno Máximo deve-se ao busto, largo e robusto.
33. A atribuição a Graciano ou a Magno Máximo justifica-se pela posição que ocupa a letra "V" e a possibilidade de a letra anterior ser um "M" ou um "N", depois da quebra da legenda.
34. Anverso completamente concrecionado.
36. Todos os exemplares conhecidos são atribuídos à *officina* S.
75. A atribuição a Magno Máximo deve-se ao busto, largo e robusto.
82. A atribuição a Magno Máximo deve-se ao busto, largo e robusto.
97. Atribuída a Roma pelo estilo do Reverso.
128. Atribuída a Valentiniano II por exibir legenda contínua apesar de a mesma não ser legível.
149. LRBC 1839 descreve esta moeda com uma coroa no campo do reverso, que não é visível. Esta marca também não é assinalada em RIC 46 (3).
161. *Officina* A ou Δ.
219. Apresenta incisão no anverso.
282. Atribuída à *officina* B com algumas reservas.
284. *Officina* A ou Δ.
310. Atribuída a Valentiniano II pela legenda contínua.
344. Moeda fragmentada.
363. "Pancada" no anverso.
385. Atribuída a Arcádio ou Honório devido à legenda contínua.
392. O busto, embora pequeno, recorda as imitações da amoedação de Magnêncio.
395. Imitação de protótipo de Lyon.
398. Imitação de protótipo de Lyon.
399. Cunhagem irregular: busto muito estilizado.
402. Cunhagem irregular: reverso muito estilizado.

Anexo 2. Chão dos Cardos

LYON 378-383 d.C.				
<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>				
1.	A1	REPARATIO REIPVB	- //LVGS	4,74 LRBC 372
2.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGP	4,61 LRBC 376
3.	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVGS	5,18 LRBC 376
4.	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- S//[...]	3,84 LRBC 376
ARLES 383-387 d.C.				
<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>				
5.	A1	REPARATIO REIPVB	- //PCON	3,60 LRBC 553
6.	A1	REPARATIO REIPVB	- // [...]CON	4,71 LRBC 553
ROMA 352-355 d.C.				
<i>Anv.: D N CONSTAN-TIVS P F AVG (AE3)</i>				
7.	A1	FEL TEMP – REPARATIO (<i>FH3</i>)	- //RQ	2,08 RIC 272
378-383 d.C.				
<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>				
8.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRP	5,34 LRBC 750
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS P F AVG</i>				
9.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRT	4,07 LRBC 752
10.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMRQ	4,99 LRBC 752
11.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMR[...]	4,74 LRBC 752
AQUILEIA 378-383 d.C.				
<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>				
12.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQP	4,62 LRBC 1064
13.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQS	4,17 LRBC 1064
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG</i>				
14.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQ[...]	2,51 LRBC 1060/5
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
15.	A1	REPARATIO REIPVB	- //SMAQ[...]	5,57 LRBC 1065
SÍSCIA 378-383 d.C.				
<i>Anv.: D N VALENTINIANVS IVN P F AVG</i>				
16.	A1	REPARATIO REIPVB	- // *ASI[SC?]	4,94 LRBC 1526/3
TESSALONICA 378-383 d.C.				
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
17.	A1	REPARATIO REIPVB	- Δ//SMTES	5,13 LRBC 1828
CONSTANTINOPLA 393-395 d.C.				
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
18.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //CONSB	4,71 LRBC 2186
19-21.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //CONS[...]	4,61; 4,16; 3,75 LRBC 2186
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>				
22.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //CONS[...]	7,77 LRBC 2187
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>				
23.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //CONSA	5,00 LRBC 2188
24.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //CONSA	4,90 LRBC 2188
NICOMÉDIA 383 d.C.				
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
25.	A7	GLORIA ROMANORVM (15)	Ω -//SMNΓ	4,03 LRBC 2375
393-395 d.C.				
<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
26.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMNA	3,72 LRBC 2422
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>				
27.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- //SMNΓ	4,97 LRBC 2423

<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>				
28-9.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMNΓ	4,32; 3,56 LRBC 2424
30.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMN[...]	4,34 LRBC 2424

CÍZICO
393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
31-2.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKA	4,83; 4,06 LRBC 2571
33.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKB	3,63 LRBC 2571
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>				
34-5.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKB	4,90; 3,21 LRBC 2572
36.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKA	3,71 LRBC 2572
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>				
37.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKB	4,35 LRBC 2573
38.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKΓ	3,94 LRBC 2573

ANTIOQUIA
393-395 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
39.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//ANTA	4,63 LRBC 2779
<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i>				
40.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//ANTB	4,11 LRBC 2781

ALEXANDRIA
393-395 d.C.

<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>				
41.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//ALE[...]	4,62 LRBC 2913

TRIER/LYON
313-317 d.C.

<i>Anv.: IMP CONSTANTINVS AVG (Nummus)</i>				
42.	A10	SOLI INVIC-TO COMITI	T F/[...]	2,96 -

CASA DA MOEDA INDETERMINADA
378-383 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i>				
43.	A2	REPARATIO REIPVB	- -//SM[...]	3,59 -

383-387 d.C.

<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i>				
44-9.	A1	REPARATIO REIPVB	- -//[...]	4,32; 4,06; 4,04; 3,68; 3,06; 2,92 -

383-392 d.C.

<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i>				
50.	A1	VIRTVS E-XERCITI	- -//[...]	4,57 -

383-392 d.C.

<i>Anv.: D N ARCADIVS P F AVG</i>				
51.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//[...]	3,43 -
<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i>				
52.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//[...]	6,07 -
<i>Anv.: Ilegível</i>				
53.	A1	GLORIA ROMANORVM (18)	- -//[...]	3,53 -

CUNHAGENS IRREGULARES
Post. 378 d.C.

<i>Anv.: D N GRATIA - N[...]VG</i>				
54.	A2	[...]ATIO - RFIP[...]	- -//[...]	4,86 -

Anexo 3. Largo da Amoreira

LYON 378-383 d.C.				
1.	<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i> A2 REPARATIO REIPVB	- S//LVG[...]	4,67	LRBC 376
ROMA 378-383 d.C.				
2.	<i>Anv.: D N GRATIA-NVS P F AVG</i> A1 REPARATIO REIPVB	- -//SMRP	4,89	LRBC 750
3.	<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i> A1 REPARATIO REIPVB	- -//SMRT	3,94	LRBC 753
AQUILEIA 378-383 d.C.				
4.	<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i> A1 REPARATIO REIPVB	- -//SMAQP	4,15	LRBC 1061
CONSTANTINOPLA 393-395 d.C.				
5.	<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//CONS[...]	4,25	LRBC 2187/5
6.	<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -// CONS[...]	4,23	LRBC 2188/5
7.	<i>Anv.: D N HONORIVS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	+ +//CONSA	4,70	LRBC 2201
NICOMÉDIA 393-395 d.C.				
8.	<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMNB	4,43	LRBC 2423
CÍZICO 393-395 d.C.				
9.	<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKΓ	5,27	LRBC 2571
10.	<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//SMKΓ	4,72	LRBC 2572
ANTIOQUIA 393-395 d.C.				
11.	<i>Anv.: D N ARCADI-VS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//ANTB	4,22	LRBC 2781
CASA DA MOEDA INDETERMINADA 348-350 d.C.				
12.	<i>Anv.: Ilegível (Constância II/Constante)</i> A11 Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio (Cabana)</i>	- -//[...]	2,47	-
378-387 d.C.				
13.	<i>Anv.: Ilegível</i> A1 Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//[...]	3,74	-
14.	A2 REPARATIO REIPVB	- -//[...]	3,29	-
383-387 d.C.				
15.	<i>Anv.: D N MAG MAXI-MVS P F AVG</i> A1 REPARATIO REIPVB	- -//[...]	3,90	-
393-395 d.C.				
16.	<i>Anv.: D N THEODO-SIVS P F AVG</i> A1 GLORIA ROMANORVM (18)	- -//[...]	4,45	-
CUNHAGENS IRREGULARES Post. 378 d.C.				
17.	<i>Anv.: Ilegível</i> A1 REPARAT[...]	- -//[...]	3,19	-
Observações ao Catálogo:				
11. Moeda perfurada.				
17. Busto estilizado. Apresenta orifício central.				



FIG. 1 - *Planta de Idanha-a-Velha com a identificação dos locais de achado dos depósitos monetários (Autor: José Luís Madeira-IA/FLUC).*

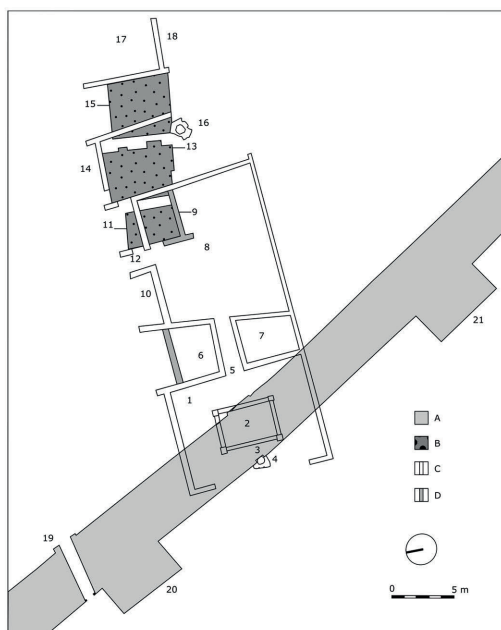


FIG. 2 - Planta da domus do Logradouro do Lagar
(Autor: José Cristóvão)

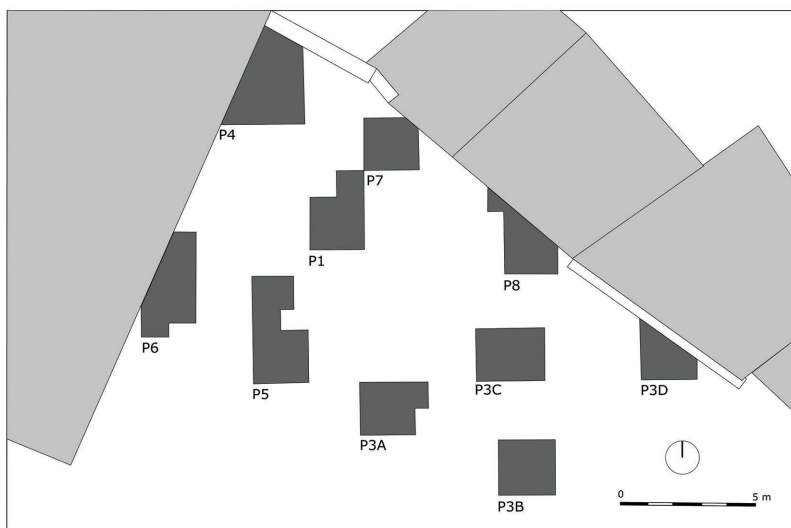


FIG. 3 - Planta das sondagens realizadas em Chão dos Cardos
(Autor: José Cristóvão).

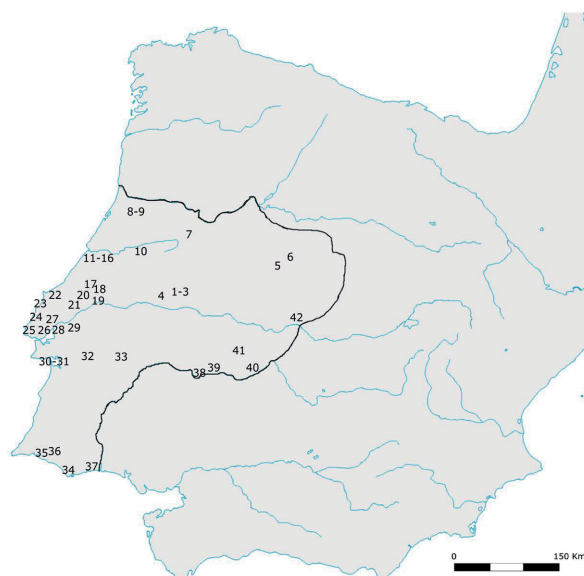


FIG. 4 - Depósitos monetários lusitanos com AE2: 1-3. Idanha-a-Velha: Logradouro do Lagar, Chão dos Cardos e Largo da Amoreira, Idanha-a-Nova; 4. Idanha-a-Nova (HIPÓLITO, 1960-61: 69-70, nº 95); 5. Las Quintanas, Armenteros (GARCÍA FIGUEROLA, 1995: 65-124); 6. El Castillo, Diego Álvaro (ABAD VARELA, 1991: 171-178); 7. Vale de Mouro, Mêda (COIXÃO; SILVINO, 2008: 255); 8. Castro de Fiães I, Santa Maria da Feira (CENTENO, 1976: 176-183); 9. Castro de Fiães II (CENTENO, 1976: 183-185); 10. Fundo da Vila, Tábua (CEPEDA, 2000: 179); 11. Conimbriga, Condeixa-a-Nova: Tesouro A (PEREIRA; BOST; HIERNARD, 1974: 319-323); 12. Conimbriga: Tesouro E (PEREIRA; BOST; HIERNARD, 1974: 327-328); 13. Conimbriga: Tesouro F (PEREIRA; BOST; HIERNARD, 1974: 328-329); 14. Conimbriga: Sepultura 6 da Casa dos Esqueletos (RUIVO, 2023: 123-144); 15. Conimbriga: Basílica (MARQUES; RUIVO; CORREIA e.p.); 16. Conimbriga: Edifício sobre o Anfiteatro (MARQUES; RUIVO; CORREIA e.p.); 17. Lapa Rasteira do Castelejo, Porto de Mós (CRUZ et alii, 2023: 64-81); 18. Baralhas, Torres Novas (AZEVEDO, 1899-1900: 119); 19. Talhadas, Abrantes (FARIA, 1989: 61); 20. Lameirancha, Alcanena (CEPEDA, 2000: 180); 21. Lapa do Galinha, Alcanena (CEPEDA, 2000: 180); 22. Cerca, Bombarral (HIPÓLITO, 1960-1961: 74-75, nº 104); 23. Ferrarias, Torres Vedras (RUIVO; SIENES HERNANDO, 1993-1997: 231-245); 24. S. Miguel de Odrinhas, Sintra (RUIVO, 2005: 143); 25. Freiria, Cascais (CARDOSO, 1995-1997: 393-413); 26. Quinta do Bandeira, Loures (HIPÓLITO, 1960-1961: 82, nº 117); 27. Almoinhas, Loures (RUIVO, 2005: 143); 28. Chão Barroso, Coruche (TELES, 1974: 81-88); 29. Monte de Mata Lobinhos, Coruche (TELES, 1961: 146-148); 30. Tróia III, Grândola (NUNES, 1974-1977: 359-364); 31. Tróia IV (SIENES HERNANDO, 2000: 47-48, nº 36); 32. Monte do Meio, Alandroal (CEPEDA, 2000: 180); 33. Santa Vitória do Ameixial, Estremoz (SIENES HERNANDO, 2000, 46-47, nº 34); 34. Boca do Rio, Vila do Bispo (CONEJO DELGADO, 2020: 249-271); 35. Abicada, Portimão (SIENES HERNANDO, 2000: 48, nº 38); 36. Santo Estevão, Silves (SANTOS, 1972: 112-114); 37. Manta Rota, Vila Real de Santo António (CEPEDA, 2000: 180); 38. “Mérida”, arredores de Badajoz (CEPEDA, 2000: 181); 39. Torrecañón, Guareña (VELÁZQUES JIMÉNEZ, 1983: 85-190); 40. La Sevillana, Esparragosa de Lares, (AGUILLAR SÁENZ; GUICHARD, 1993: 191-196); 41. Garcíaz (CALLEJO Serrano, 1966: 291-330); 42. El Saucedo, Talavera la Nueva (CABELLO BRIONES, 2008: 182-204) (Autor: Diana Marques).



Foto 1 - Vista geral do átrio da domus do Logradouro do Lagar e face interna da muralha. Sobre o lado direito, ao fundo, o corte estratigráfico com os múltiplos aterros da casa; na parte central o canto do impluvium sobrevivente à construção da muralha. Foto de Danilo Pavone/Município de Idanha-a-Nova.



Foto 2 - Domus do Logradouro do Lagar: vista geral dos setores 4 e 5. Em primeiro plano, o espaço do suposto peristilo com o sistema drenante aparente; ao fundo, sob o lado direito a sala (Foto de Artur Corte Real).



Foto 3 - *Domus do Logradouro do Lagar*: detalhe do canto nordeste do setor 3; sob os elementos de colunas (do peristilo?), o estrato onde estava o depósito monetário.



Foto 4 - *Chão-dos-Cardos*: vista geral da sondagem 6, de sul para norte.



Foto 5 - Chão-dos-Cardos: detalhe do canto norte da sondagem 6 onde se observa um numisma deposto na UE2 e parte da UE10.



Foto 6 - Largo da Amoreira: vista geral das estruturas postas a descoberto (fragmento do tanque de um peristilo?). Foto de Danilo Pavone/Município de Idanha-a-Nova.





LOGRADOURO DO LAGAR



CHÃO DOS CARDOS



LARGO DA AMOREIRA

